



**Instituto de Psicologia - Departamento de Psicologia Escolar e
do Desenvolvimento - PED**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**XI CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL
Coordenação: Profa. Dra. Maria Helena Fávero**

TRABALHO FINAL DE CURSO

**A APRENDIZAGEM ESCOLAR: LEITURA, ESCRITA E
SISTEMA DE NUMERAÇÃO DECIMAL NA PRÁTICA
PSICOPEDAGÓGICA**

Apresentado por: Ana Maria Alves Ferreira

Orientado por: Maria Helena Fávero

BRASÍLIA, 2015

Apresentado por: ANA MARIA ALVES FERREIRA

Orientado por: MARIA HELENA FÁVERO

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir o tema Dificuldade de Aprendizagem nos campos da leitura, escrita e matemática e descrever algumas sessões de intervenções psicopedagógicas realizadas com um aluno de 11 anos, de escola pública do DF, com queixa em dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita. O aporte teórico deste trabalho, trazido por Fávero (2009, 2011, 2013), destaca alguns aspectos teóricos conceituais: as construções cognitivas no indivíduo por meio da autorregulação no contexto interacional, a mediação semiótica no desenvolvimento humano, a importância das práticas sociais e a tomada de consciência. Com base nisto, utilizamos uma metodologia de intervenção psicopedagógica, enfatizando nas práticas motivacionais a construção de novos conceitos e a tomada de consciência por parte do aluno. As intervenções aconteceram em 9 sessões, utilizando o Dicionário e o Calendário como instrumentos socioculturais. Os resultados das análises mostraram os conhecimentos sociais do aluno, sua falsa teoria em relação ao funcionamento da escrita da língua como achar que as formações das palavras eram todas na configuração CV (consoante + vogal), e não saber o sistema de numeração decimal. Evidenciaram-se ao fim que a proposta de intervenção realizada, desconstruiu falsos conceitos do aluno e possibilitou novas competências conceituais ao mesmo.

Palavras-chaves: Dificuldade de aprendizagem, proposta de intervenção, tomada de consciência, novos conceitos.

ÍNDICE

I/ Introdução.....	04
II/ Fundamentação Teórica.....	06
2.1-Dificuldade de Aprendizagem Escolar.....	06
2.2-Linguagem: leitura, escrita e matemática.....	09
2.3-Proposta teórica metodológica.....	10
III/ Método de Intervenção.....	11
3.1/ Sujeito e Instituição.....	11
3.2/ Procedimentos Adotados (descrição geral).....	12
IV/ A intervenção psicopedagógica: da avaliação psicopedagógica à discussão de cada sessão de intervenção.....	14
4.1/ Avaliação Psicopedagógica	14
Sessão de avaliação psicopedagógica 1 (15/04/2015).....	14
Sessão de avaliação psicopedagógica 2 (16/04/2015).....	16
Sessão de avaliação psicopedagógica 3 (17/04/2015).....	20
4.1.1 Discussão dos dados obtidos na Avaliação Psicopedagógica.....	22
4.2/ As Sessões de Intervenção	23
1ª Sessão de intervenção psicopedagógica (07/05).....	24
2ª Sessão de intervenção psicopedagógica (10/06).....	26
3ª Sessão de intervenção psicopedagógica (11/06).....	29
4ª Sessão de intervenção psicopedagógica (16/06).....	32
5ª Sessão de intervenção psicopedagógica (23/06).....	35
6ª Sessão de intervenção psicopedagógica (24/06).....	36
V/ Discussão geral dos resultados da intervenção psicopedagógica.....	42
VI/ Considerações finais.....	44
VII/ Referências Bibliográficas.	45
VII/Anexos.....	47

I/ INTRODUÇÃO

O presente trabalho descreve uma intervenção psicopedagógica, aonde nas situações interacionais ocorre mais do que uma regulação, uma autorregulação a partir das construções cognitivas desenvolvidas pelo sujeito na situação. Defendendo assim um aporte teórico conceitual em que o ser humano se desenvolve em uma dialética, sustentada pelos processos de internalização e externalização e que impulsiona a tomada de consciência e esta produza uma nova prática (Fávero, 2009).

O trabalho está dividido em cinco partes: Fundamentação Teórica, Método de Intervenção (com o sujeito, instituição e os procedimentos em geral), Intervenção psicopedagógica: da avaliação psicopedagógica à discussão de cada sessão de intervenção (avaliação Psicopedagógica e sessões de Intervenção), Discussão geral dos resultados da intervenção psicopedagógica e Considerações finais.

A Fundamentação Teórica busca discutir a importância da avaliação e a natureza da mediação em relação ao processo de ensino aprendizagem do sujeito no ambiente escolar. Tomamos como base, entre outros, os trabalhos de Mattos (2005) sobre fracasso escolar /exclusão e de Fávero (2009) sobre mediação semiótica na interação da tríade sujeito x conhecimento e o outro, no processo de desenvolvimento psicológico do ser humano.

No método descrevemos o aluno que participou desta intervenção, as características da instituição e os procedimentos realizados de forma geral para a realização desta intervenção.

A parte referente à Intervenção psicopedagógica: da avaliação psicopedagógica à discussão de cada sessão de intervenção, é composta por dois momentos que são: Avaliação Psicopedagógica e as Sessões de Intervenção. Na primeira parte descrevemos três sessões de avaliação psicopedagógica em três momentos diferenciados: Primeiro fizemos uma entrevista semiestruturada. O segundo momento trabalhamos com os rótulos e embalagens, leitura de uma história do Gibi da turma da Mônica e construção de uma história oral e escrita. A terceira avaliação se deu com a análise dos cadernos utilizados pelo sujeito em sala de aula. As sessões de intervenções psicopedagógicas, partiram de um método de construção de um personagem chamado Senhor Dicionário que se apresentou ao aluno na primeira sessão de forma comunicativa por meio da

psicopedagoga. Este foi convidado durante as outras sessões a construir uma história para o personagem criado, dialogando com a própria linguagem e seus paradigmas pessoais, em um espaço de reflexão e aprendizagem.

A Discussão geral dos resultados da intervenção psicopedagógica faz uma retrospectiva no que se relaciona a aprendizagem e conhecimento do sujeito, de forma a tomar os resultados existentes e discuti-los, pensando sobre os momentos significativos de aprendizagem e de tomada de consciência. Fazemos assim uma discussão geral da prática psicopedagógica tanto no que diz respeito ao participante como no que diz respeito ao nosso desenvolvimento como profissional.

Nas Considerações finais realizamos uma avaliação geral do trabalho de intervenção psicopedagógica realizado e buscamos alguns pontos importantes e significativos para um bom trabalho de intervenção.

II/FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diante de muitas discussões acerca do tema Dificuldade de Aprendizagem Escolar, observamos que vários aspectos relacionam e influenciam nesta questão. Aqui, neste trabalho, apresentamos uma base teórica que discute a natureza da Dificuldade, ou de suas mediações no que tange a Dificuldade de Aprendizagem Escolar, relacionadas à leitura e a escrita, como também na compreensão do sistema de numeração decimal.

2.1-Dificuldade de Aprendizagem Escolar

A pesquisa de Mattos (2005) nos ajuda a entender como a dificuldade escolar é tratada nas escolas e de que formas as avaliações feitas por professores podem discriminar e excluir os alunos. Sobre estes sujeitos Carvalho (2011), discutindo a obra de Patto, apresenta o aluno como indivíduo singular que sente medo, tem problemas, mas que deve ser visto como é, e não como julgam ser, diante de sua condição social e étnica.

Sobre o tema, Fávero (2011) escreve que as ciências vistas como separadas, prontas e acabadas, são transmitidas aos alunos em forma de memorização de regras que são priorizadas em relação à compreensão conceitual, dificultando as competências conceituais e o desenvolvimento da criticidade. Essa visão de conhecimento científico compartilhada também na sociedade concebe os conhecimentos separados nas áreas, levando os alunos a buscarem uma prática de repetição das regras e do que foi transmitido.

Segundo Mattos (2005), em sua pesquisa, grande parte da exclusão e do fracasso escolar está relacionada a conceitos e avaliações subjetivas sobre os alunos, por professores nos momentos como do conselho escolar. A sua pesquisa mostrou que durante os conselhos de classes, que imaginamos ser um momento de reflexão e busca de soluções para as dificuldades dos alunos, se transformam em momentos de “lamentações” e apreciações subjetivas, focando o processo de avaliação não no processo de desenvolvimento do aluno e de como ajudar neste desenvolvimento, mas no conteúdo, vendo os alunos como portadores de problemas de personalidade e disciplina. Para Mattos (2005) essa é uma forma de estigmatizar e excluir os alunos. Segundo esta

pesquisadora, as professoras no momento do conselho de classe “reforça suas impressões, muitas vezes preconceituosas e de caráter psicologizante” (Mattos, 2005, p.219). As dificuldades de aprendizagem diante destes argumentos tendem a excluir o aluno e não realizar uma reflexão sobre o processo metodológico do professor. Outro agravante neste processo de avaliação é a validação dada pelos pares, quando as outras professoras confirmam a fala da colega, criando coletivamente o fracasso escolar (Mattos, 2005). Carvalho (2011) analisando a obra de Helena Souza Patto discute que a partir das esperanças dada ao sujeito e a sua voz como individuo capaz, pode nos dizer o lado que não se vê a escola e o que não deixa os professores enxergarem na real situação do aluno.

Mattos (2005) chama o Conselho Escolar de “Dialogo de Surdo”, quando todos falam de todos os problemas ao mesmo tempo e não decidem por quaisquer soluções diante das situações e dificuldades existentes.

Mattos (2005) ressalta em sua pesquisa alguns pontos negativos nas posturas das professoras e diretora no momento do conselho: primeiro, o desrespeito à particularidade de cada sujeito; segundo a falta de autocrítica sobre seus métodos de ensinar; terceiro “despreparo nos aspectos emocionais” (Mattos, 2005, p. 221) como a motivação; e quarto, a “importância dos aspectos comportamentais dos alunos e alunas independentes da atitude da professora” (Mattos, 2005, p. 221). Para esta autora, o fracasso escolar, e conseqüentemente a dificuldade dos alunos, não é discutida com foco no processo metodológico, e sim na relação aluno e conhecimento/conteúdo, sem uma mediação qualitativa, ou seja, a natureza da mediação se baseia na memorização, nas regras sem compreensão dos conceitos (Fávero e Pina Neves, 2012). Perguntaríamos então, se seria para estas professoras da pesquisa de Mattos (2005) cansaço da “rotina mecânica e destituída de significado formativo” (Carvalho, 2005, p. 575) que contaminou as atividades elementares do cotidiano escolar? Ou são conscientes de que neste foco, os professores apenas colocam suas responsabilidades ‘nas costas de outros’(família, deficiência), diminuindo o peso das suas? (Mattos, 2005). Além disso, podemos nos questionar se a própria formação acadêmica as encaminhou para estas posturas. Neves (2012) em sua pesquisa nos apresentou as práticas que se concebem ainda à formação de profissionais tanto da Pedagogia como da Matemática, como a separação da teoria e da prática em sua preparação profissional, concebendo esta como

modelo da racionalidade técnica. Destacamos e consideramos, porém que mesmo assim a responsabilidade da formação continuada deve ser estimulada pelo Estado e buscado aperfeiçoamento pelo próprio profissional que está atuando.

Diante das críticas realizadas por Mattos (2015), de como está longe à prática (e o discurso) dos docentes em ajudar as dificuldades dos alunos solucionando-os ou minimizando-os, percebemos um desafio que nos instiga a procurar realizá-lo e alcançá-lo.

Talvez necessitássemos de como Carvalho (2011) coloca, de tomar como exemplo as reflexões de Patto, que critica severamente as formas discursivas e não discursivas que condicionam os alunos ao fracasso escolar, e destaca a individualidade da criança e sua capacidade de ser único. Para Souza (2006), que trata de uma abordagem como gênese a queixa escolar, deve-se trabalhar com a rede de relações entre família, escola e adolescência/criança, aonde nesta dinâmica ocorre à mudança das práticas para a própria superação das dificuldades escolares.

Sobre esta discussão, Fávero (2009) defende a avaliação como parte da prática didática, sendo esta alimentada por aquela. Fávero (2012) defende a seguinte tese,

O ser humano se desenvolve através da construção dialética da interação e adaptação com o meio sociocultural sustentada pelos processos de internalização e externalização que engendram a tomada de consciência e para as quais os sistemas de signos são especialmente, importantes, já que se trata de lidar com a representação (Fávero, 2005; 2009, citado em Fávero 2001).

Portanto, esta autora defende que é por meio da construção dialética que acontece a internalização e externalização do conhecimento e a sua tomada de consciência, discutindo a mediação no processo de ensino-aprendizagem, tanto do ponto de vista das regulações sociais (entre os indivíduos de uma dada situação) como as regulações que ocorrem no próprio indivíduo (intraindivíduo). Assim, essa autora defende a tomada de consciência por meio da autorregulação e das regulações sociais. É nesta relação dialética entre o sujeito, o conhecimento e o outro que ocorre a formulação do novo conceito (Fávero, 2009).

2.2 Linguagem: Leitura, escrita e Matemática

Sobre leitura e escrita trazemos Eglê (2012), que escreve sobre uma pesquisa no 1º ano de uma escola pública de São Paulo, aonde tinha como objetivos realizar programas de “brincadeiras de círculos” que eram sobretudo importantes para levantar informações sobre a realidade social e linguística dos alunos. Seus programas, segundo a pesquisa, permitiriam descobrir as características próprias da fala das crianças e conhecer o mais minucioso possível, as peculiaridades do léxico, sintaxe e morfologia e mesmo aspectos discursivos relativos aos temas e intenções da fala dos sujeitos. O estudo mostra o esforço da pesquisadora para criar situações de fala vinculadas a vivência e realidade. A autora anotava as condições da situação e as expressões espontâneas das crianças, sobretudo as características de sua fala.

O trabalho apresentado por Eglê (2012), sobre como ajudar crianças com dificuldades na escrita e na leitura nos fascina, no sentido de respeitar e dá voz a criança, que por muitos é vista apenas como espectadora do processo de aprendizagem.

Sobre o conhecimento matemático, vemos a “importância da compreensão da lógica do sistema numérico decimal para a compreensão da lógica dos algoritmos matemáticos e sua aplicação nas outras áreas de conhecimento” (Fávero, 2009, p.10).

Fávero e Neves (2012) destacam a intervenção com estudantes e professores do ensino fundamental indicando que aqueles estabelecem uma relação com o conhecimento matemático construído por regras e memorização, sem construção de significados conceituais.

Para Skovsmose (2009) na aprendizagem, e em especial a de uma matemática crítica, se considera as situações, situações de aprendizagem, em que o sujeito encontra também significado. Estas estão no dia-a-dia, com a tecnologia, no mercado ou nas brincadeiras, onde existe esta relação com o outro, são situações diversas e de diferentes modos, que devem ser exploradas e configuradas no processo escolar, na sala de aula. Skovsmose (2009) também defende o diálogo como forma de interação e principalmente no estabelecimento da matemática crítica e viva.

Compatível com esta posição, Muniz (2009), destaca a importância dos esquemas das crianças em sala de aula, quando estas estão em atividades matemáticas. Para ele a fala do aluno sobre sua produção é importante na revelação dos seus esquemas mentais,

tratando como uma mediação pedagógica e com uma configuração de aluno-conhecimento-professor. Para o pesquisador é nas situações problemas que os conceitos se desenvolvem e viram procedimentos que devem ser valorizados e solucionados.

O currículo em Movimento da Educação Básica nos apresenta Linguagem e Matemática como conhecimentos que nos ajudam a compreender o mundo e saber viver nele. A Linguagem é estendida na produção de sentidos e representações do mundo, propiciando a competência comunicativa, expressão oral e escrita, na resolução dos conflitos do dia-a-dia. Por isto a importância das situações de leitura e escrita dada aos alunos, permitindo a estes, a análise e reflexão sobre a língua Portuguesa. A matemática surgiu da necessidade do homem, então ela está no dia a dia de todos. O currículo ressalta a importância da construção feita pela criança, onde o professor deve proporcionar práticas que favoreçam o aprendizado do aluno, estimulando sua autonomia.

Sobre estes pensamentos o que precisamos é aceitar o compromisso de realizar um trabalho de mediação psicopedagógica para atender as dificuldades escolares no campo da matemática e da linguagem com um trabalho de interação entre sujeito e o conhecimento, buscando dialogo e valorização do pensamento e de registros feitos.

As habilidades e competências trazidas nestas duas áreas, quando trabalhadas de forma mais criativa e elucidadas, na escola ou no consultório ajudam o psicopedagogo neste caminho da construção de novos conceitos.

2.3 Proposta teórico metodológico

A proposta metodológica defendida por Fávero (2012) é compatível com os estudos em questão. A autora considera o desenvolvimento do sujeito com particularidades em seu desenvolvimento, centra as investigações sobre a aquisição dos conceitos por meio do processo de intervenção psicopedagógica, e considera a atividade mediada como aporte teórico. Dentro desta abordagem, considerar o sujeito ativo implica saber que ele se constrói a si mesmo a parti da interação com a sociocultura.

Para o presente trabalho de intervenção psicopedagógica, nos baseamos no que traz Fávero (2009) como aporte teórico-conceitual e metodológico, na relação

dialética e na mediação de forma transformadora, onde é proposto a análise da tríade: sujeito-objeto-o outro, dando ênfase nesta relação e não no fracasso do aluno como nos itens anteriores. Um aspecto importante da tese de Fávero (2009) é a mediação semiótica, segunda a qual ela trata dos processos de desenvolvimento psicológico humano, defendendo que toda ação e prática social interferem e dão significado ao sujeito, seja ela de forma positiva ou negativa, e como estas interagem no funcionamento mental do indivíduo, fundamentando os paradigmas pessoais (Fávero, 2009 citando Fávero, 1994). Outro aspecto importante desta teoria é a tomada de consciência que é a consequência de todas essas interações com significados e novas práticas.

Assim este trabalho adotou essa abordagem teórica e metodológica para o desenvolvimento da prática de intervenção psicopedagógica que descrevemos a seguir.

III/ MÉTODO DE INTERVENÇÃO

Tratamos neste trabalho de uma Intervenção Psicopedagógica, pautando-nos no aporte teórico e metodológico já discutido.

Destacamos também Souza (2006) quando se refere a “superar as dificuldades das práticas tradicionais, que se fundam numa concepção abstrata de indivíduo” (Souza, 2016, p.313), quando esta analisa um atendimento às queixas escolares no âmbito da clínica.

Como Souza (2006) o trabalho aqui apresentado tende a ajudar a produzir mudanças de conceitos. É necessária a realização de uma acolhida para um trabalho de partilha de saberes e de constituição dos sujeitos como seres capazes de construir sua própria história (Souza, 2006).

É necessário, portanto, que o psicopedagógico entre no espaço escola, atendendo as queixas e fazendo um trabalho de interação e renovação. Sua importância é no sentido de considerar o indivíduo na sua totalidade, ajudando-o a se desenvolver, minimizando ou sanando a dificuldade, fazendo com que tenha neste processo uma investigação e uma intervenção relacionada à queixa.

3.1/ Sujeito e Instituição

Participou do nosso estudo e Intervenção Psicopedagógica um menino de 11 anos, e que estuda no 3º ano do ensino fundamental, em uma instituição pública situada em uma Região Administrativa do Distrito Federal.

Na época do desenvolvimento deste trabalho, V. como o chamaremos, era repetente no 3º ano pela terceira vez, portanto (segundo a Secretária de Educação do DF) em distorção idade x ano, e com queixa escolar em dificuldades na leitura, escrita e matemática escolar.

V. mora com a mãe e três irmãos, sendo ele o terceiro dos filhos. Seus pais são separados, mas alguns finais de semana está com o pai.

A Escola, na qual V. frequentava na época deste trabalho era constituída de 15 salas de aulas, uma biblioteca, uma sala de informática, uma sala de vídeo, sala da direção, sala dos professores e coordenação, sala do setor administrativo, sala de

recursos, secretaria, sala do SOE/EEAA, sala dos servidores da limpeza, cozinha, pátio coberto, parquinho, área gramada, horta, quadra sem cobertura. A mesma atende Educação Infantil, Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), Classe Especial, Classe de aceleração e EJA (noturno).

A instituição possui: 38 professores, a gestora e vice, 3 coordenadoras, 2 secretários, 1 Orientadora Educacional, 1 pedagoga da Equipe de Apoio, 2 professores para sala de recursos, 2 monitoras para auxiliar na classe especial, 3 merendeiras, servidores da limpeza, 1 vigilante, 7 servidores readaptados que auxiliavam no administrativo, na mecanografia, na biblioteca e na sala de informática.

O público alvo atendido pela escola é uma pequena comunidade que foi criada inicialmente por uma invasão e que hoje já recebe algumas estruturas oferecidas pelo governo, como: asfalto, posto de saúde, iluminação pública, escola. Nesta região existem também alguns chacareiros que trabalham com a agricultura e pequenas mansões que são moradias, em grande maioria, de alguns servidores públicos. A escola atende também como clientela, crianças do assentamento dos MST (Movimento dos Sem Terra) e comunidades de ciganos.

Um aspecto importante a dizer é que as localidades de moradias são muito distantes da escola, sendo necessário o transporte escolar do governo que leva e traz grande parte dos alunos para a instituição.

Alguns professores estão na função de coordenação, então trabalham para auxiliar os professores dos dois turnos: matutino e vespertino, assim como à direção quando solicitadas. A Equipe de Apoio da Escola era composta pela orientadora, pedagoga, o psicólogo (que é itinerante, ou seja, auxilia um grupo de escolas da mesma Região Administrativa), os dois pedagogos da sala de recursos. Todos trabalham em conjunto, sempre presentes nas reuniões e conselhos escolares, auxiliando nos problemas mais graves que a instituição apresentava.

3.2/ Procedimentos Adotados (descrição geral).

A intervenção se deu com o sujeito citado no item anterior e que estamos chamando de V. e na própria instituição já descrita. As sessões se deram no período

matutino, e com aproximadamente de 30 minutos às 1h de duração, registradas em áudio.

Todo material produzido nas sessões foram coletados e analisados assim como o áudio. A primeira análise fundamentava a sessão seguinte.

Utilizamos como ponto de partida o dicionário como instrumento sociocultural para a interação com o sujeito.

O Dicionário foi usado como instrumento de mediação da leitura e escrita. Ele foi usado também como instrumento de registro numérico, da mesma forma que usamos o calendário como instrumento para noção de tempo e contagem de sequência de dias e datas de aniversários.

IV/ A INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA: DA AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA À DISCUSSÃO DE CADA SESSÃO DE INTERVENÇÃO

Cada sessão foi planejada, numa sequência de tal modo que cada uma fundamentava a seguinte.

4.1/ Avaliação Psicopedagógica

A avaliação psicopedagógica visou investigar os diversos conceitos trazidos por V. nos aspectos: cognitivo, social, afetivo e pessoal.

Foram realizadas três sessões, de aproximadamente 45 minutos, para a avaliação psicopedagógica, estando bastante flexíveis quanto ao tempo.

Para que haja discricão nas intervenções psicopedagógicas, o sujeito foi chamado de V e a psicopedagoga de P.

A avaliação se deu em três etapas:

1. Entrevista semiestruturada, destacando alguns pontos como: escolarização, relação professor aluno, competências e dificuldades escolares, noções básicas de espaço e tempo.
2. A leitura com rótulos e Gibis e escrita de uma história. Fizemos a leitura do Gibi da turma da Mônica de forma interrompida, e observando a pesquisa de Spinillo e Hodges (2012) sobre a análise de erros e compreensão de textos: comparações entre diferentes situações de leitura, destacando apenas do estudo as conclusões que os autores revelam sobre os benefícios que se tira deste tipo de leitura ao leitor, oportunizando-o associar seus conhecimentos prévios ao que se ouve e se lê no texto.
3. Análise dos cadernos de uso da sala de aula, observando as tarefas e a escrita do aluno.

1º Sessão de avaliação psicopedagógica (15/04/2015)

Objetivo:

- ✓ Dar voz ao sujeito de modo a obter as suas concepções sobre aprender, ensinar, e tudo a respeito da sua vida escolar.

Material: Rótulos, Embalagens, Gibis da turma da Mônica, Computador, calendário (2015).

Desenvolvimento

Desenvolvemos primeiramente uma entrevista semiestruturada com V, baseada nos seguintes focos: escolarização, relação professor aluno, competências e dificuldades escolares, noções básicas de espaço e tempo.

Sobre escolaridade: V. relatou que gosta da escola que estuda. Ele narrou que sua professora dividiu a classe em dois grandes grupos: um constituído de alunos que sabem ler e outro de alunos que possuem dificuldades, dizendo está incluído no segundo. Sobre estas atividades no segundo grupo, V. relatou que a professora passou atividades “fácil”, e em resposta a nossa solicitação ele exemplificou: “pintar o alfabeto e as vogais”, “separar as sílabas” e “ler palavras e desenhar”. Em vários momentos V. se utilizou da expressão “mais ou menos” em referencia a diferentes situações: para descrever seu desempenho escolar, para descrever sua relação com a professora e sobre se considerar um bom aluno. Sobre a tarefa de casa, o aluno disse que “não faz” justificando primeiro porque ajuda sua mãe nas tarefas domésticas, e depois relatou que é porque não conseguiu copiar do quadro o que é passado pela professora para casa. V. questionado sobre a tarefa que mais gosta de realizar na escola repetiu que é “separar as sílabas”.

Sobre a Relação professor-aluno, V. se expressou desta forma referente à professora: “estressada, meu Deus!”. Ele descreveu um episódio recente no qual foi suspenso da escola por 3 dias, e que segundo ele foi uma injustiça cometida pela professora. Relatou que no momento que a professora estava “tomando as leituras dos alunos que sabem ler, pra verem se estavam boas ou não”, V. não compreendendo a atividade foi pedir explicações, nisto a professora o levou pra direção, V. resumiu nesta fala: “ela me deu a suspensão, não sei por que”.

Sobre as competências e dificuldades escolares, o aluno já nas duas situações descritas acima demonstrou saber as dificuldades que tem, como por exemplo, em realizar suas atividades: “Tem vez que atraso e não dar pra copiar”. Em sua fala relatou que gosta de jogar videogame e que ajuda em casa lavando a louça. O mesmo demonstrou-se muito observador, quando vê P. pegando o caderno, e perguntou a mesma: “Eu não sabia que professora tinha caderno”, quando respondido que ela nunca deixava de estudar ainda expressou sua opinião: “Mas ela não estudou demais, não, pra ser professora?”.

Sobre a noção espaço tempo, V. relatou bem como é sua rotina e demonstrou ter noção básica de tempo e espaço, sabendo o dia do seu aniversário. Assim também como as referências que fez do aniversário de sua mãe e irmãos que eram sempre depois que o seu “dia 3 de março, é o meu aniversário e faço primeiro que minha mãe, do meu irmão e da minha irmã”. V. dispondo de um calendário apontou corretamente a sua data de aniversário. Aproveitamos e pedimos para que V. contasse os números do mês de abril, e o mesmo contou e a nosso pedido de contar até o número que sabia, foi adiante até o algarismo 39.

Em suas falas V. pontuou algumas horas importantes para ele, como ficar no colégio “no integral até às 3 horas”, e o horário que sua mãe trabalha “Ela sai 7h, volta meio dia pra arrumar...”, “ela vai três horas e volta seis horas. Aí ela vai no outro dia”. Ainda sobre a noção de tempo, V. falou que fica com seu pai final de semana: “sábado e domingo to com ele”.

Nesta sessão percebemos o lado participativo de V. em sua família e seu senso crítico em relação algumas situações em sua volta.

2º Sessão de avaliação psicopedagógica (16/04/2015)

Objetivo:

- ✓ Identificar os conhecimentos de leitura e escrita de V. em contato com o objeto escrito.
- ✓ Identificar os níveis de escrita do indivíduo.
- ✓ Construir de forma oral e escrita uma história.

Material:

Rótulos, Embalagens, Gibis da turma da Mônica, Computador, calendário, papel A4 e lápis.

Desenvolvimento:

Apresentamos os seguintes rótulos e embalagens para que V. pudesse ler: COCA-COLA, NESCAU, BOMBRIL, LACTA, DELÍCIA, PAÇOQUINHA, FLOCÃO, QBOA, PAPEL FILME.

Diante do silêncio inicial de V. questionamos sobre um dos rótulos, e V. disse “acho que sei” depois relatou que tinha esquecido.

V. identificou os rótulos de coca-cola, pelo uso de seu produto, acrescentando: “o que eu mais gosto”, e Qboa que “serve pra lavar roupa”. Sobre a embalagem do Papel Filme, V. observou a imagem das frutas e disse ser “coisa pra fazer frutas”, não sabendo o que seria e nem pra que servia o produto, depois V. confirmou que mencionou as frutas por causa da imagem. V. identificou a embalagem da manteiga, mas não soube dizer o nome da mesma. Sobre o produto Flocão, identificou V. como milharia, mas sem fazer sua leitura. V. identificou o Bombril, que “serve pra lavar as louças” e em referência a lata de Nescau mencionou ser “toddy”.

Quando questionamos sobre a escrita da Qboa, V. relatou que a primeira letra era um E, de “letra cursiva”, a segunda letra D, a terceira letra O e a última sendo o P. Ainda referente ao rótulo da Qboa perguntamos sobre quais números que o rótulo tinha, e V. falou do 0 e do 1 (referente ao volume do 1L). Para explicar o significado destes algarismos V. respondeu “sei lá, que a Qboa é boa demais”. Quando questionado sobre a primeira letra da palavra Bombril, respondeu assertivamente que era “B”, depois seguindo as outras letras: O, M, B, R, I, L. Convidado a verificar os algarismos na embalagem do Bombril, V. falou o “100” (algarismo representando a quantidade de porcentagem de reaproveitamento ecológico), quando questionado sobre seu significado, ele respondeu da seguinte forma: “Acho que vem 100 bombrius”. O mesmo observou outros algarismos como o 8 (quantidade de Bombril), e o 6 (referente a 60 gramas) da mesma embalagem. Questionamos sobre o 0 do lado do 6 (de 60 g), e V. demonstrou confusão ao responder, “é o O (letra O), é 0 (número zero)”, e depois respondeu que juntos era o número 19: “seis mais zero, dezenove tia?”. V. questionado

sobre o significado do algarismo 8 relatou ser a quantidade de Bombril dentro da embalagem: “acho que vem 8 bombril”, “acho que não ia caber 100 não!”.

Na exploração da embalagem do Nescau, V. reafirmou que era o “toddy”, quando questionamos sobre a primeira letra que aparecia no produto ele respondeu: “N”, e em seguida perguntamos sobre a primeira letra de “toddy” ele assertivamente diz “TO”. Mesmo colocando-o em conflito de consoantes V. não leu a palavra “Nescau”. Ou seja, V. continuou a dizer a palavra “Toddy”. Estimulado a realizar a leitura por sílabas o aluno leu: NE-CA-CU. Mas mesmo assim ao final repetiu “acho que é Todinho”. P. fez a leitura da palavra e assinalou à V. que além do Toddy existe também a marca Nescau. Pedimos para V. procurar os algarismos na embalagem e o mesmo mencionou sobre “o dia que fez ele (data da fabricação do Nescau)”, e completou “pra ver se ele não tá vencido (data de validade)”. Questionamos a V. se ele sabia olhar a data de validade, e o mesmo relatou que não. Então ajudamos a V. a encontrar a data de fabricação e validade do produto. V. não identificou a data de validade e de fabricação, e leu isoladamente cada algarismo da data de fabricação.

Na exploração da Margarina Delícia V. não conseguiu ler a palavra Delícia, mas reconheceu algumas letras: D-E-L-I-C-I-D, lendo as sílabas da seguinte forma: “DE-LI-D, acho que é DE-LI-D mesmo, o D num tem outra letrinha pra juntar com ele”. Os algarismos apontados por V. nesta embalagem foram o 5-0-0 (referente a 500 gramas), quando perguntamos que número era aquele, ele falou “não sei, porque ele é muito alto”.

Ao falarmos do rótulo da Coca-cola, V. apontou assertivamente onde começa e qual a primeira sílaba: CO. Quanto aos algarismos V. apontou os números: 21-0-0-10, dizendo o seguinte: “são daqui que começa”, quando perguntado o que se começava, ele continuou: “o 8 mais 5”(referencia ao valor em porcentagem do calórico) e quando perguntamos qual o número que formava, V. respondeu: “25”. V. neste momento não soube de forma compreensiva relatar os significados dos numerais.

V. em geral identificou as cores dos rótulos, e leu apenas a Coca-cola.

Em um segundo momento, apresentamos o gibi da Turma da Mônica, explorando a capa (os detalhes de cor, personagem, cenário, letras, números, etc.), e depois de ler o título da primeira história: “Este aniversário é o bicho!” questionamos o

que poderia está acontecendo com a personagem Mônica, V. logo falou: “Mônica em desespero”, em referencia a cena.

Nós lemos a primeira história do Gibi, e V. ouviu atentamente com pequenas participações durante a leitura. Quando questionamos sobre do que falava a história, V. relatou que era sobre “não pode maltratar os bichinhos” e conversamos sobre os animais de estimação. Questionamos a V. se ele possuía algum animal de estimação e o mesmo respondeu que sim: “tenho dois, um gatinho e um cachorro” chamados de “Laila” e “Peludinha”, e que gostava dos dois igualmente.

Depois de conversamos sobre a história da Mônica, o provocamos para a construção de uma nova história contada por ele, utilizando os rótulos ou a história do gibi: Iriamos inventar uma história. Algumas sugestões de V. foram:

“Como se faz um Toddy”, utilizando a embalagem do Nescau. V. acrescentou que seria como se fazer um Toddy, “ele taria num pote, que era redondo, que tinha tampa.”.

Depois V. sugeriu que: “A gente pode inventar que nem esse aqui (aponta o história do Gibi), só que o aniversário é da senhora”. Então fez a seguinte narração:

“Um dia o aniversário da senhora. A senhora tava trabalhando e a senhora se atrasou todinha”, “trabalhando no colégio”, “e ai teve uma festa surpresa”. Questionamos quem tinha arrumado a festa e V. respondeu: “sua mãe, seu pai, seus amigos, sua bisavó”.

Depois de V. criar uma história de aniversário para P., insistimos para que criasse uma para ele, então relatou: “não acho legal não!” Mas com um pouco mais de persistência e com alguns questionamentos, V. entrou na criação da história da sua festa de aniversário: “O que você gostaria que tivesse na festa?” perguntamos e V. respondeu: “queria que todo dia no meu aniversário minha mãe lembrasse, né?”. Depois deste momento V. relatou como seria a sua história:

“Na hora que eu cheguei do colégio, aí ela lembrou, ela foi lá pra casa da minha tia, e levou nós e lá tinha uma festa surpresa”, “era na casa do meu” tio, na casa do meu tio tem piscina, a chácara é grandona, tia, “tinha brigadeiro, tinha bolo, tinha beijinho, tinha pula-pula, castelo,”, perguntamos quem estaria nesta festa, V. respondeu: "minha família toda”, “e até a senhora hein tia”, “queria que fazia assim, ele (tio) compravam uns peixes e ele colocava eles pra gente pescar ele.” Questionamos a V. se ele sabia

pescar e o mesmo falou que sim, que tinha aprendido com o amigo da sua mãe, e que já tinha pescado no “Lago Paranoá”. Quando perguntamos quando terminaria a festa V. respondeu: “termina no outro dia”, “no outro dia estão todos com sono”, “e dormiram até às cinco horas da tarde”. V. aproveitou e relatou que já tinha passado uma noite parecida com a da sua festa, justamente na chácara do seu tio, no aniversário do seu primo.

Após a contagem da história oral, pedimos que a escrevesse, utilizando o nome da história, e os dados do conto oral.

V. ao escrever o título “Meu aniversário”, leu apenas o que estava escrito. Escreveu o nome do mês antes do dia (Março 3). Quando V. escreveu a frase “A FESTA VAI SER NA CASA DO MEU TIO”, na palavra MEU, ao pronunciar o M, falou “N”, colocando no lugar do M o N. Quando V. escreveu a palavra BRIGADEIRO, ao pronunciar o GA, escreveu HA. V. fez um risco entre as palavras escritas MAI (MAE) E PAPI (YASMIN), justificando que é para “não pensar que é junto, né”. V. ao escrever o nome da irmã não escreveu certo e ao tentar escrever o nome do irmão “Matheus”, relatou “não to lembrado do resto do nome dele”, e completou “eu tava fazendo o nome dele ontem”. Ou seja, não lembrava mesmo já ter escrito no dia anterior.

3ª Sessão de avaliação psicopedagógica (17/04/2015)

Objetivo:

- ✓ Analisar os cadernos.

Material: Cadernos do aluno

Procedimento:

Folhear o caderno de V., pedindo-o que fale sobre as atividades realizadas, tanto as de sala quanto as de casa.

Nesta terceira sessão, conversamos com V., observando juntos o seu material escolar-cadernos de sala. Primeiramente V, nos relatou que possui 6 cadernos, porém com exceção do caderno de Português e Matemática, não sabe para que serviam os outros, e nada tinha escrito, porque “a tia não tá tendo tempo não” de escrever neles.

✓ **Análise do caderno de Português**

Nas primeiras páginas encontramos o alfabeto, em letra cursiva, maiúscula e minúscula e algumas pintadas, V. relatou que estão pintadas “as que não são vogais” não sabendo o significado da palavra consoante, quando P. explicou quais as letras são as consoantes, e em oposição as que não são consoantes são chamadas vogais, V., expressou seu pensamento: “então elas devem soar muito né?!” V. ao ser pedido que lesse o alfabeto trocou na leitura: o K por R, demorou em pronunciar o Q e confundiu o W com Y. Com a atividade de cópia das sílabas do B com as vogais e palavras que inicia com estas sílabas V. relatou que teve ajuda da professora. Na leitura desta atividade, V. confundiu o som de **b** minúscula cursiva com o de **I**, lendo no lugar de BA, BE, BI, BO, BU o LA, LE, LI, LO, LU.

A próxima atividade estava incompleta com um grande ponto de interrogação feito pela professora, e interrogamos a V. o que significava aquele ponto, o mesmo respondeu: “sei lá acho que fiz tudo né”. Questionamos se quando ele fazia todas as atividades a professora fazia aquele ponto e V. respondeu que “sim, só que ela põe o certo”. Esclarecemos a V. que aquele ponto era chamado de ponto de interrogação e possivelmente a professora o tinha colocado porque ele não tinha realizado toda a tarefa.

Na atividade do ditado percebemos que diante de 19 palavras V. acertou uma, segundo a correção da professora, sendo esta a palavra PAI.

Folheando o caderno, encontramos três atividades sem serem feitas (caça-palavras, interpretação sem o texto e desenho para pintura), perguntamos o porquê estavam em branco, V. nos respondeu que “nem tinha visto ele”, completando que a segunda atividade “ninguém me ensinou”, atividades estas que são da data de 07/ 04, quarenta dias antes.

Outras atividades realizadas por V. completas no caderno foram: uma atividade sobre a páscoa (colorir), e outra do próprio dia que era formar palavras por meio de sílabas e desenhos, esta incompleta.

Observamos que o método utilizado é o método silábico, V. não reconheceu as vogais e as consoantes, redigiu corretamente no ditado somente a palavra PAI. V. na atividade de separação de sílabas separou quatro palavras sendo duas corretamente, a

grande maioria das atividades permanecendo em branco. Existem atividades em branco em sua maior parte.

✓ **Análise do caderno de Matemática**

Analisando o caderno de matemática observamos algumas continhas realizadas por V. sem serem corrigidas.

As atividades encontradas no caderno foram, “Arme e efetue no caderno”, com continhas de adição utilizando até 7 centenas, “Escrita por extenso dos numerais” utilizando algarismo de até 9 centenas, “Tabuada de multiplicação e divisão”, “Antecessor e Sucessor”, com algarismos até 299.

Percebemos colada no caderno a tabuada de multiplicação e divisão, quando perguntamos que tabuada era aquela, V. respondeu que é de “mais”, pensando que o X indicava mais, e não sabendo o que significava o sinal da divisão: “então esse deve significar o quê, essa não sei não!”. Quando perguntado se a professora tinha explicado, V. respondeu que “faz tanto tempo”. Explica também que “só conhece a de mais e aquela que tem o risquinho assim (V. mostra no papel), que é de tirar”, indicando a operação de subtração.

Outras atividades não foram feitas porque, segundo V., eles não estão usando o caderno de matemática, mas sim o de Português.

Perguntamos se V. sabia as ordens da Unidade, Dezena e Centena, e o mesmo relatou que não. Mas quando perguntamos quantos formam uma dezena, V. acertou dizendo que é 10, mas para centena não soube.

Folheando o caderno, vimos uma suspensão colada, que estava escrito pela professora: “Não realiza as atividades propostas, desobedecendo às regras e comandos da sala”. Quando interrogamos a V. sobre isto, este confirmou não realizar todas as atividades porque “a tia quer passar um texto maior do que o quadro”, não dando tempo para V. copiar tudo. V. também relatou desconhecer as regras e comando da sala: “não sei”.

Percebemos que segundo V. a única atividade de matemática realizada, sozinho por ele, foi de antecessor e sucessor. Não há evidencias de compreensão de sistema

numérica decimal pelo que foi relatado, assim como a forma de correção da professora e as regras da sala.

4.1.1 Discussão dos dados obtidos na Avaliação Psicopedagógico

De acordo com a avaliação que realizamos, identificamos que V.:

- Não reproduziu na escrita os padrões complexos da língua (nes, cia, etc), confirmados na análise do caderno. Mesmo diante da palavra Nescau, V. leu NE-CA- CU, e diante da palavra Delícia leu DE-LI-D. V. reconheceu e leu o alfabeto, com dificuldade em M-N-W-Y;
- Realizou transcrição fonética nas seguintes palavras escritas no seu texto: TI (TIO), BOBU (BOLO), BILJI (BEIJINHO), SITOGATU (SALGADO), MAI (MAE), LU (NO);
- Tem a noção de data de fabricação e validade, definindo validade como vencida;
- Tem noções básicas de tempo e espaço;
- Ele apresentou raciocínio lógico, quando diante do cem da embalagem do Bombril, descreveu que não poderia conter 100 bombrius na embalagem, e sim 8;
- Compreendeu a contagem de história, ouvindo atentamente e reproduzindo a mesma;
- É capaz de criar história dentro de um mesmo tema, tendo o conceito de relações de parentesco;
- Não há evidências de compreensão de sistema numérico decimal;
- Compreendeu algumas das suas ações como prejudicial ao seu desenvolvimento, quando “bagunça”, em contrapartida relatou gostar e usar muito o videogame;
- Tem consciência de que está no grupo “dos que tem mais dificuldade”, diante do seu comportamento e situações de conflitos: “às vezes eu bagunço”;
- Demonstrou sensibilidade quando fica triste quando sua mãe “não lembra do seu aniversário”;
- Fica em sua maioria de tempo arrumando a casa e “brincando na rua”. Mas sente-se bem na escola em que estuda;
- Reconhece e nomeia as cores;

- Não compreende as atividades e com isto não consegue realizá-las;
- Não entendeu o sistema de numeral decimal e conta até 39, a partir disto precisa de ajuda para nomear as dezenas (exemplo 60,70, 80) e centenas (exemplo 200, 300, 400);
- Tem noção de proporção, faz estimativa e deduções;

Não tem noção de medidas de comprimento, nem de capacidade.

- Não entende as formas de correção da professora, quando esta põe um ponto de interrogação grande em atividades não realizadas.
- Não pronuncia bem os sons de algumas palavras, pronunciando-as baixinho ou de forma rápida na oratória.

Essa avaliação evidenciou que V. apresentou dificuldade na escrita e leitura e sistema numérico decimal. Percebemos que a alfabetização dada ao sujeito é de forma tradicional, com metodologia sintética e por sílabas, dificultando a aprendizagem e desenvolvimento da linguagem. Assim nosso trabalho de intervenção psicopedagógica priorizou atividades nestas áreas.

4.2/ As Sessões de Intervenção

É importante colocar que nosso instrumento de mediação do conhecimento utilizado na intervenção com V. foi o “Senhor Dicionário”, que como personagem colaborou na relação dialética, focando no desenvolvimento das competências conceituais do sujeito, principalmente na leitura, escrita e sistema numeral decimal.

As sessões se definiam a cada análise da sessão anterior, planejando a seguinte.

1ª Sessão de intervenção psicopedagógica (7/05)

Objetivos: Reconhecer o uso e importância do Dicionário.

Material: Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa- Palavrinha VIVA, Organizador: Francisco S. Borba, 1ª edição, Curitiba, 2011, Editora: PIÁ.

Procedimento:

Apresentamos o dicionário como se ele fosse um personagem “O Senhor Dicionário”, que carrega um montão de palavras de forma organizada.

P. interagiu com V. dando voz ao Senhor Dicionário: “Oi V. tudo bom? Eu sou o Senhor Dicionário. Sabia que eu tenho muitas palavras aqui dentro?”. V. logo respondeu: “Eu sei, eu já procurei uma em você!”.

Percebemos que V. já obteve contato com dicionário mesmo que não o utilize, inclusive relatou que “tenho um, só que pequeno e grosso”.

P. continuou a falar pelo dicionário: “Eu sou grande e gordo, inchado de palavras, que estão bem organizadas”. V. correspondeu: “Você tem todas palavras!”.

P. falou como Senhor dicionário: “Eu sou inchado de palavra”. Vitor continuou a conversar: “Será que você não comeu muito não?”. O Senhor Dicionário respondeu: “Sim, comi muito, comi todas as palavras do mundo.” E V. completou: “Você viajou muito.”.

P. estimulou V. a manipular todo o Dicionário e ele observou as ilustrações e as cores.

P. questionou a ordem das letras, e V. foi falando todo o alfabeto e vendo todas as letras no Dicionário. Em algumas letras V. fez algumas observações como no momento do H: “Este H é pilantra tia, ele tem como pegar o som do X”. P. questionou como ele sabia disso e V. respondeu: “Eu já vi ele pegando!”. Continuamos a explorar neste momento com a seguinte pergunta: “Mas ele pega sozinho?” E V. respondeu que “Não ele vem com L”. Então explicamos que o som LH é diferente, e quem pega o som do X é o CH. V. observou que a letra K “tem poucas palavras” no dicionário e posteriormente também fez o mesmo comentário com a letra Y.

Depois do F, V. leu o G como H, e depois leu o L como Y, em ambos P. sinalizou e corrigiu as situações.

P. convidou V. a fazer uma pergunta para o Senhor Dicionário: “Você sabe como é PAI, que será o significado de PAI?”.

V. foi estimulado a encontrar no dicionário a palavra PAI, procurando primeiro na letra P, depois a letra A e a última letra I. Depois que V. conseguiu encontrá-la, P. leu todos os três significados descritos no dicionário. P. perguntou o contrário de pai e V. respondeu mãe e fez um comentário: “Eu não sei o que faço se eu ficar sem meu pai e minha mãe, é difícil!”.

P. falou pelo Senhor Dicionário: “Parabéns V., você descobriu a sua primeira palavra: PAI. Mas me deixa falar uma coisa para você: Eu sou muito organizado! Você

percebeu que eu sou organizado? V. respondeu: “Sim”! Você foi comendo as letras! Foi comendo o A, B, C.”.

O Senhor Dicionário respondeu: “Isto mesmo, eu sou muito organizado, e como todas as letras com todas as palavras que comecem com essas letras. E você é organizado? V. respondeu afirmativamente, dado o exemplo de “ser um menino bom”!”.

P. destacou novamente a organização em ordem alfabética no dicionário. P. questionou como V. poderia ser organizado, este disse não saber, e relatou “é só os livros!”. P. exemplificou algumas formas de organização, com o material, com a cama em que dorme, com as gavetas, com o corpo. V. confirmou que não sabia que “estas coisas” eram organização. P. propôs que a partir daquele momento V. tentasse ser organizado, e este destacou: “Que nem ele (o dicionário)! E ele nem tem orelha de burro!”, “Ele foi esperto de ter comido as palavras tudo!”.

P. convidou V. a procurar outra palavra, e ele quis procurar a palavra CARRO.

Questionamos qual era a primeira letra da palavra, e V. falou a letra “K”. Explicamos que era a letra C, apresentando o seu som. V. manipulou o dicionário e foi procurando a 1ª letra, depois a segunda. Quando perguntamos qual seria a segunda sílaba, V. falou a sílaba TO, no lugar do RO. No momento da procura da palavra CARRO, V. se surpreendeu com “duas palavras iguais (CARA e CARÁ)”, e observando melhor, percebeu a diferença no acento da segunda palavra. Depois de achado foi lido por P. os seus significados.

Destacamos depois a palavra GRIPE, e junto com V. procuramos a primeira sílaba e depois a segunda. Após P. ler algumas palavras com L para V., em meio à leitura, V. destacou a palavra Lustroso, e não sabendo seu significado P. o leu e explicou. V. logo relacionou com uma história do Gibi que tinha lido em casa, aonde “O Cebolinha deixou o Cascão tomar banho na casa dele, e disse ‘nossa você tá limpo, né!’” Comparando a palavra limpo com a palavra “lustroso”.

Considerando algumas ações de P. faremos para as próximas sessões a mudança da ação de explicar por propostas de atividades que levem V. a conclusões sobre suas próprias questões.

V. demonstrou criticidade e criatividade, interagindo facilmente com o personagem do Senhor Dicionário. Levaremos a proposta do dicionário em diante no processo de intervenção com V.

2ª Sessão de intervenção psicopedagógica (10/06)

Objetivos: Criar a história do Senhor Dicionário

Material: Dicionário (mesmo dicionário usado na sessão anterior), computador, folha A4, alfabeto móvel

Procedimento:

Novamente P. dá voz ao Senhor Dicionário, convidando V. a criar a sua história, destacando os seguintes tópicos: onde o Senhor Dicionário nasceu, como foi, em que dia, o que ele mais gosta de fazer, quantas palavras ele possui, se ele viajou e para onde, quantas páginas.

Antes, porém, nós relembramos o que tínhamos realizado no último encontro. V. recordou que o Senhor Dicionário era bem “arrumadinho” e que tínhamos procurado as palavras PAI e CARRO.

Ao fazer o convite para iniciar a criação da história, V. decidiu começar primeiramente pelo desenho do Senhor Dicionário e foi conduzido a desenhar o que quisesse. Antes de iniciar V. leu a palavra VIVA, escrita na frente do Dicionário e reconheceu também o alfabeto móvel que estava em cima da mesa. Durante a realização do desenho do Senhor Dicionário V. Observou um número na capa do Dicionário e relatou ser o número do telefone do livro, informamos então ao mesmo que era apenas o código do livro. Faz outra observação, questionando se o Senhor Dicionário, “não tem amigo?”, respondemos que se V. quiser criá-los, ele começaria a ter, um amigo, um vizinho, uma mãe, e V. gosta da ideia, mas não volta na ideia ao longo do trabalho.

Quando P. precisou sair para pegar material para a sessão, o áudio que permaneceu ligado registrou que V. murmurou baixinho com a própria produção: “Você era bem pequenininho”, cantou uma canção e iniciou uma conversa com o Dicionário: “a tia que fala pra você? A tia que fala pra você né”.

V. desenhou na folha A4, a imagem do dicionário, com olhos, nariz e boca. Na imagem colocou a palavra lida por ele: “VIVA”, e o número que pensava ser o telefone

dele, o código do livro (32296L000), ver em anexo. Do lado esquerdo do dicionário, V. desenhou uma mesa de frutas e do outro lado a cama dele. Acima da imagem do dicionário fez uma lâmpada, para “ele não ficar no escuro”.

Após o desenho, V. foi conduzido a iniciar a história do Senhor Dicionário, e se quisesse poderia pedir ajuda ao dicionário e ao alfabeto móvel.

P. perguntou a V. como ele poderia iniciar a história e V. iniciou com as primeiras palavras: “O senhor dicionário”. Para escrever o artigo “O”, V. demorou e escreveu “LO”. P. sugeriu que V. lesse o escrito e ele leu corretamente “LO”, após, ele tomou consciência e disse: “Ah, é o O”, suprimindo o L. Pedimos que V. repetisse sempre os sons das palavras bem nitidamente para que ele mesmo ouvisse, e que percebesse os sons das letras, facilitando assim sua escrita, V. escreveu dicionário da seguinte forma: TILONATO. Ao terminar V. escreveu apenas “O dicionário”, no lugar de “O Senhor Dicionário”. P perguntou a V. “Onde você acha que ele nasceu?” V. respondeu: “Na China” e continuou: “então vou escrever china”. P. então sinalizou que não poderíamos escrever a palavra “china” sozinha e sim uma frase completa, para que outros pudessem ler e entender, ele então concluiu o que se deveria escrever: “Ele nasceu na China”. V. escreveu: “Ele” com as letras “DN”. Para o som de “China”, pedimos que pronunciasse o som da primeira sílaba, e este quando ouviu P. pronunciando, relatou: “é o X.”. Sempre depois de cada escrita de frase, pedimos para que V. relesse a frase.

A segunda frase sugerida por V. foi “onde ele nasceu”, e ao escrever produziu uma data que não soube ler: “DN NAS 01/02/1201”, mas que V. dizia que “Ele nasceu em 2001”. Nesta frase: Ele nasceu em 2001, ao escrever a palavra “Ele”, V. escreveu novamente o “DN”. Pedimos que escrevesse de novo a palavra como ele ouvia e o mesmo escreveu: NTE (ELE). Ao pedir que pronunciasse, dissesse qual o som da primeira letra da palavra “Ele”, V. respondeu então que era o “N”. Mostramos então a letra “E” com o alfabeto móvel e perguntamos que letra era, e V. respondeu corretamente, perguntamos qual o som da primeira letra da palavra “ELE” e V. relatou: “Mas é uma vogal”, questionamos: “qual o som desta letra?”, e V. continuou a dizer: “ele não tem som, porque ela é vogal”, justificou que o E não pode ter som porque é vogal e concluiu: “mas é elas que juntam com as outras pra dá som!”. Apresentamos assim as vogais e informamos a V. que tanto as consoantes como as vogais possuem

sons e cada vogal tem vários sons (Exemplo: á,â,ã,ê, é, í, î, ô, ó,õ,ú,), sendo a única letra sem som a letra “H” quando está no início de palavras sozinho, V. demonstrou estar surpreendido com a palavra ELE que se inicia com a vogal “E”, e que se modifica com a letra “L”, na segunda sílaba (LE). Explicamos que as vogais assim como a letra E, junto às consoantes transmitem sons em todas as palavras, V. se expressou ao final com a palavra: “É estranho!”. Apontamos para V. que ele acertou a quantidade de letras: para ELE, escreveu NTE, acertando a última letra. V. leu a palavra ELE e tomou consciência corrigindo a palavra escrita antes, nas duas frases: “Ele nasceu na China” e “Ele nasceu em 2001”.

Percebemos que passaram para V. uma teoria falsa sobre a lógica da escrita das palavras e a junção das letras: que as vogais não possuem som e que as palavras só se formam a partir da junção consoante + vogal.

Em relação à data que colocou “01/02/1201”, perguntamos por que ele não tinha lido aqueles numerais (01/02) e V. relatou “eu sei lá como se lê aí”, e novamente não soube lê-los, perguntamos por que aquela data e V respondeu: “foi o dia que ele nasceu!”. V. escreveu assim: “ELE NAS 01/02/1201”.

V. depois fez uma estimativa de páginas do Senhor Dicionário, “Quantas páginas ele deve ter?”, “Acho que umas 500!”. Pedimos que manipulasse se quisesse para descobrir quantas páginas. V. ao olhar no final do livro (que tem 463 páginas), não soube dizer quantas páginas tinha. Primeiro disse “Ele vai muito”, depois relatou: “403”, perguntamos então a V. sobre o número “6”, ele murmurou baixinho e não respondeu. Fizemos então alguns estímulos. Primeiro, no número 463, tampamos o número 4 e perguntamos que número ficaria, V. não respondeu. Depois usando o dicionário, voltando à página de número 15, e perguntamos que número era, respondeu assertivamente. Pulamos para a página 17, e V. disse: “17”, depois pulamos para a página de número 19, e perguntamos novamente qual era o algarismo, V. respondeu: “21”, percebendo só depois que eu tinha pulado o “18”, falou “pulou um número, o 18”. Colocamos nas páginas de números 23, 35, 37, 41, 49, 57, 59 e V. acertou. Depois de 59, V. disse “16”, dissemos que o “16” já tinha ficado para trás, informamos quanto à dezena (60 sessenta), e V. soube pronunciar os outros numerais: 61, 63. Voltamos então para a última página do Senhor Dicionário e perguntamos novamente qual seria o número, e V. não falou o numeral referente a centena (400), fazendo algumas tentativas:

“40, 44, não, 2000 e, 304, não, então deve ser o quê, 900? E, fica, 63”. Voltamos então na página 300, e perguntamos a V. qual número era, este respondeu assertivamente, depois colocamos na página 309, e V. não respondeu certo, na página 311, V. respondeu “301”. Na página 337, quando perguntamos qual era, V. respondeu “307”. Passamos para a página 429, e V. respondeu primeiro “304” e depois “49”. Voltamos então para o final da página: 463, e V. respondeu 423, depois para chegar à resposta correta (463): foi contando 59, 60, 61, 62, 63. Pedimos que V. falasse a resposta: 463, e V. respondeu “406”. Repetimos mais cinco vezes e V. respondeu as seguintes sequencias de algarismos: 496, 406, 463 (V. contou 59, 60, 61, 62, 63 para chegar à página 463), 426, 423.

Depois deste momento V. queria escrever a palavra “página”, P. interveio e relembrou a V. que outra pessoa não entenderia se escrevesse a palavra solta. V. decidiu escrever a frase: “O dicionário tem 456 páginas”. V. escreveu para Dicionário da mesma forma que na primeira frase: “TILONATA”. “Para escrever a palavra “tem”, V. perguntou, “tem, tem, tia como será o T?”. Respondemos então: “seu nome tem a letrinha T”, e V. reflete: “Tem T?”, e quando V. escreveu a palavra “TEM”, pronunciou baixinho: “TEI”. V. escreveu desta forma. No momento da escrita da página, V. pronunciou “29, 21, 200 e, 50,e 29,26, têm 426”, e pedimos então que olhasse o dicionário para ver como se escreve o número, V. então escreveu o número 463. Ao ler todo o texto, V. não a realizou como está escrito, trocando palavras (nasceu- mora) e na leitura final do número de página, leu: 406, depois pedimos que relesse só a última frase e V. leu: 429, 26. V. no momento da escrita apagou o número da página e escreveu a palavra “página” antes do número de páginas. A frase escrita por V. ficou assim: “O TILONATO TEI PAGI 463”.

V. usou de regras memorizadas, mas não as entende, ou às vezes entende de formas distorcidas, como no caso das “vogais que não se tem som”, do formato da data, porque “a professora põe assim”. Ele acredita que a formação das palavras é feita apenas com as configurações C/V: Consoante e vogal, escrevendo sons próximos. Isto explica a dificuldade de não escrever os padrões complexos, vistos na avaliação psicopedagógica e leu de forma silabada algumas palavras simples na configuração V/C.

3ª Sessão de intervenção psicopedagógica (11/06).

Objetivos: Continuar a criação da história do Senhor Dicionário

Material: Dicionário (o mesmo usado nas sessões anteriores), folha A4, lápis, alfabeto móvel

Procedimento:

Relembramos com V. o que ele já tinha realizado na sessão anterior: “Escreveu sobre ele”. Perguntamos o que ele tinha escrito, e V. relatou: “Onde ele nasce!”, ”Lá na China”, “o ano que ele nasceu”, “2001”, perguntamos se V. lembrava o número de página que o Senhor Dicionário tinha, e ele respondeu: “Deixa ver, o quatro...”. Como não disse, pedimos que pegasse o dicionário e olhasse o número de páginas, V. pegou e diz: “406”, corrigimos e falamos “463”.

Pedimos então que V. escrevesse e continuasse a história, “O que o Senhor Dicionário gostava de fazer, como ele é”. V. depois de um tempo sem escrever falou baixinho para si mesmo: “o que que eu vou fazer?!” E iniciou um burburinho com a boca, mas sem compreensão audível. Depois de 7 minutos sem V. escrever nada, perguntamos quantas palavras ele achava que o Senhor Dicionário tinha comido, V. primeiro disse: “Acho que uns 60, por aí!”, mas escreveu primeiro a palavra “Come” e depois o número “8120” na frase, quando perguntamos que número tinha colocado V. fala separadamente “8,1,2,0”, quando pedimos para ler o número, V. fala: “300, 400, 405, 406”. Lemos então a pronuncia do número para ele. Perguntamos novamente quantas palavras V. achava que o Senhor Dicionário tinha comido e ele respondeu: “esse número que coloquei”, permanecendo o número 8120. Após, V. fez o seguinte comentário: “Será que ele vai comer mais palavras?!”.

Para escrever “palavra”, V. escreveu “PALAVA”, pedimos para que lesse a palavra e destacasse o som do “VRA”, perguntamos se ele sabia qual o nome da letrinha que fica no meio de outras duas ‘atrapalhando’, e V. respondeu corretamente: “R”, indicando o R que atrapalha alguns sons. V. neste momento refletiu: “O R é pilantra, né”. Informamos a V. que o R sempre atrapalha uma consoante e uma vogal, “por exemplo VRA, BRA, CRA.”. V. escreveu: “COME 8120 PALAVRAS”.

Perguntamos se V. queria escrever o que o Senhor Dicionário gostava de fazer, ele concordou e disse: “Acho que ele gosta de olhar as pessoas falando pra pegar as

palavras”. Perguntamos como deveríamos iniciar esta frase, e V. disse: “Ele”, então a escreveu corretamente. V. para escrever “gosta” escreveu “LITOTA”, perguntamos então quais os sons das letras que V. ouvia quando falava a palavra GOSTA, V. respondeu: “GO”, perguntamos como se escrevia, e V. respondeu: “o O”. V. continuou a escrita da frase, suprimindo o “de”, e escreveu a palavra “olhar”, da seguinte forma: “O LA”. Pronunciamos a frase para que V. continuasse a escrever e falamos o “A” da frase “Ele olha A pessoa conversar”, V. como já tinha escrito “O LA” (para OLHA), resistiu em escrever novamente a letra A e disse: “Mas o A já tá aqui tia”. Apontamos que tem o “A” da palavra OLHA e depois tínhamos que colocar o “A” para outra palavra, e que não precisávamos ter medo de escrever de novo a mesma letra. V. escreveu o “A” e depois com a repetição da frase, percebeu que devia escrever “pessoa”, escrevendo “PESOA”. Falamos novamente a V. para ler, repetir a frase de forma devagar para ouvir os sons das letras. Quando terminou a palavra “Pessoa”, V. escreveu a palavra conversar, repetindo os sons e para cada sílaba escreveu uma ou duas letras: T (com)VE(ver)AS (sar). A frase escrita por V. ficou assim: “ELE LITOTA O LAAPESOA TVERSA”.

Perguntamos o que mais poderíamos escrever: “Será que ele (Senhor Dicionário) viajou?”, V. respondeu: “Sim, ele foi pra todo o lugar!”. Quando falamos para escrever, V. relatou: “Eu queria fazer outra frase!”. Questionamos que frase, e V. disse: “Agora vamos falar bem dele, né se não ele fica triste!”. Concordamos e pedimos que V. sugerisse a frase. V. disse: “Que ele é bonito!”. V. iniciou a escrita da frase: “Ele é Bonito”, e a escreveu corretamente. Depois falou “Ele é legante”, repetimos a frase de forma correta para que escrevesse: “Ele é elegante”. V. escreveu só a palavra “elegante” e enquanto escrevia pronunciava baixinho “ELE”, e escreveu “ELE TE”, para a sílaba “GAN”, V. escreveu “GA” e para a última sílaba “TE”, acertou “TE”. V. percebeu que “tem E no começo e no final”, percebendo a letra E no início e no final. A frase escrita por V. ficou assim: “ELE E BONITO ELETEGATE”.

Perguntamos à V sobre onde o Senhor Dicionário morava, e V. respondeu: “Na China”, comentamos que agora ele está no Brasil e V. disse: “Acho que ele deve ter família por aqui”, Perguntamos “Aqui onde?” E V. respondeu: “Aqui no Brasil”. E quando V. escreveu “Ele tem uma família aqui no Brasil”. V demonstrou a dúvida do “LE”, “como é o LE?”, perguntou, pedimos para pronunciar e ele descobriu que é o “L

e E” relatando depois sobre a sílaba: “O L, é parceiro do E”. Para V. escrever a palavra “Tem”, escreveu “TINU”, para a palavra “família” V. escreveu “FALIA”, para a palavra “AQUI”, V. perguntou se o Q era o “T” ou “X”. Pedimos para olhar no Dicionário e pronunciar a palavra e V percebeu ouvindo o som que era o “Q”. Quando falamos que o Q deve estar sempre com o U, antes da vogal I, V. faz o seguinte comentário: “Eu nunca vi, a primeira vez que vi Q com I, ele sempre fica com o U”, explicamos então que o QU e GU, em algumas palavras permanecem o Q e o G com a letra U, pois “o U nunca larga o G e o Q”. V. então respondeu: “Mas duas vogal, fica no mesmo lugar?”, perguntou novamente, percebendo o encontro vocálico, e assinalamos que “no mesmo lugar não, um do lado da outra”. Para a palavra Brasil, V. escreveu “BASIU”. V. pronunciou “BRA”, mas escreveu BA. A frase escrita de V. ficou assim: “ELE TINU FALIA AQUI NOBASIU”.

Pedimos para V. realizar a leitura do texto completo.

Nesta sessão, mais uma vez V. confirma a falsa teoria de que o formato das palavras é C/V (Consoante e vogal), quando estranha as duas vogais juntas na palavra AQUI.

4ª Sessão de intervenção psicopedagógica (16/06).

Objetivos: Revisar a história do Senhor Dicionário

Material: Dicionário (o mesmo usado nas sessões anteriores), folha A4, lápis, alfabeto móvel.

Procedimento:

Propomos a V. continuar “um trabalho que começamos a fazer”, perguntamos a V. se ele lembrava o que estávamos fazendo e V. respondeu: “Escrever sobre ele (O Dicionário)”. V. sugere que “porque a senhora não faz assim, grampeia a 1ª página e a segunda, grampear e colocar como texto”, perguntamos o que seria um texto e V. respondeu: “Que fala das coisas”, exemplificamos, dizendo “são palavras, frases que falam das coisas” e questionamos sobre o que estávamos falando, V. respondeu: “Do livro”, perguntamos “Qual o nome do livro”, V. disse: “Do dicionário, que nem é livro”. Então falamos que sim, que um Dicionário é um livro e existem vários tipos de livros diferentes, e o que estávamos usando era um Dicionário.

Pegamos então novamente o texto construído por V. e pedimos que lesse as primeiras palavras: “O TILONATO”. V., leu como estivesse escrito “O dicionário”. Perguntamos a V. se ele acha que o nome “Dicionário” estaria na Capa do Dicionário, V. respondeu: “Acho que não!”, pedimos que V. olhasse na capa e procurasse. Depois perguntamos qual a letra começava a palavra “Dicionário”, e V. disse: “T com I”. Pedimos então que pronunciasse a sílaba, e V. pronunciou: “TI”. Questionamos qual o som que estávamos procurando e V, pronunciou: “DI”. Falamos então que os dois são parecidos, mas sendo sons diferentes, e que DI, de Dicionário é D com I. V. perguntou novamente: “Não é o T com I, não?”. Então pedimos que pronunciasse as duas sílabas: TI e DI, para ouvir e dizer com qual dos dois se inicia a palavra Dicionário, V. tomou consciência e pronunciou: “é com D com I!”. Pronunciamos o som de cada letra: D e T, e V. interferiu dizendo: “Peraí, não é essa palavra aqui não tia?”, mostrando na capa do Dicionário a palavra correta. Pedimos que lesse a palavra apontada e V. a leu da seguinte forma: “DI, C com I, DI, C com A DA, DE, DA, DU”, mas sem ler concluiu: “Eu acho que é ele mesmo”. Insistimos que continuasse a ler para confirmar se é a palavra Dicionário e perguntamos qual seria a dúvida de V. e este responde: “O C com I”. Pedimos que junte C com I e V. leu: “CI”. V leu toda a palavra, com dúvida no som do “RI”. Esclarecemos a V. que o “RI”, poderia ter os dois sons (RI- RRI), mas na palavra, seria “RI”. Depois V. leu a palavra completa.

Voltamos à palavra que V. tinha escrito e este falou: “Fiz bem errado!”, ressaltamos que foi da forma que você achava que era. Propomos que refizesse em outra folha, a palavra, corrigindo as letrinhas que tinha trocado. V. percebeu os acertos que realizou na palavra: “olha tia aqui eu acertei (NA), só faltou o coisinha (referindo-se ao acento agudo)”. Confirmamos: “Realmente você acertou algumas letras!”. Pedimos que lesse a nova escrita e V. a leu no lugar do CI o som LI. Assinalamos novamente que era o CI, de cinema e V. leu depois corretamente.

Perguntamos se a escrita “O Dicionário” poderia ser o título do texto, e sendo as palavras que vem em cima do texto, o nome da história e V relatou: “Nunca vi não essas coisas aí”. Apontamos então o título como o nome da história e que todos os textos possuem, V, relatou: “nunca parei pra pensar nisso não!” Mostramos alguns textos do próprio Dicionário e do livro de linguagem de V. para que percebesse os títulos dos

textos, sendo estas palavras ou até frases. V. concordou então em deixar a expressão: “O Dicionário”, como título e colocamos as outras frases embaixo da expressão, na folha.

Passamos para a primeira frase escrita por V: “ELE NASCU NASXINA”. Pedimos para V. ler e este não leu dizendo a seguinte frase: “Ele, more, essa palavra aqui está errada né tia”, perguntamos por que acha que está errada, e V. respondeu: “Porque aí tá escrita outra coisa, e acabando escrevendo outra”. Sinalizamos a V. que quando escrevemos errado não entendemos e por isso devemos relê-los para escrever certo, e V. refletiu: “E depois como a outra pessoa pode ler direito, né”. Justificamos então o porquê de estarmos refazendo o texto, para que se quisermos mostrar a outra pessoa, esta entenda. V. iniciou a escrita da frase com a palavra “Ele”, depois pedimos que lesse novamente as palavras que escreveu antes (NASCU NASXINA), mas V. recusou-se dizendo: “não isso aqui tá errado e isso aqui também”, e completa “isso aqui era pra ser ‘MO’, Ele mo-ra na China”. Falamos para V. escrever a palavra MORA, no lugar de NASCEU. Estimulamos V. a pegar o Dicionário e olhar as palavras “Ele tem todas as palavras, olha nele, pode pegá-lo”. V pegou o Dicionário e perguntamos qual a primeira sílaba da palavra “Mora”, o mesmo respondeu: “o N e o O”. Apontamos então N com O, como NO e M com O, como MO. Convidamos a procurar o M no Dicionário. E perguntamos qual seria a segunda letra, V. respondeu “O” e procurou no dicionário MO. V. apontou a palavra “MORANGA”, e perguntou se era aquela palavra, lemos e V. percebeu as outras letras a mais: NGA. V. apontou depois a palavra MORAR. Lemos os significados e assinalamos que aquela palavra indicava ação e por isso tinha a força do “R” no final e V. refletiu dizendo: “Só não pode ficar sem o R e o A”. V. na escrita da continuação da frase “NA”, disse: “Agora agente precisa do NA!”. Na escrita da palavra da China, assinalamos que China não se escreve com X, mas possui duas letras que tomam seu som e com elas escrevemos a palavra China. Questionamos a V. quais estas letras e V. respondeu: “Eu sei que toma, não é três não tia?”, perguntamos quais e V. responde: “O C e o H e o A, não com I!”. V. quando vai escrever a sílaba CHI, demora e perguntamos de novo quais as letras que ele disse ter o som de X, V. troca o C pelo L: “O L”, e depois lembrou: “foi o X, foi o C.” V. escreveu então a palavra China. Falamos a V. que quando acabamos de escrever uma frase devemos terminá-la com um ponto, o ponto final, V. perguntou e escreveu um ponto: “Não é esse aqui não tia? (?)”, Dizemos que o ponto feito por ele é para quando fazemos perguntas, e quando perguntamos se é

isto o que estamos falando, V. respondeu que não e diz que estamos apenas escrevendo onde ele mora. Então assinalamos que é para isto que usamos o ponto final, para dizer e confirmar ou não alguma coisa.

V. nesta sessão reescreveu as duas frases corretas: O Dicionário. Ele mora na China.

5ª Sessão de intervenção psicopedagógica (23/06).

Objetivos: Revisar e reconstruir a história do Senhor Dicionário

Material: Dicionário (o mesmo usado nas sessões anteriores), folha A4, lápis, alfabeto móvel, calendário

Procedimento:

Propomos para V. a reconstrução do texto e este foi logo falando ao ver seu desenho do Senhor Dicionário: “É bom se a gente quiser ficar com ele, agente pode ficar né!”. Então perguntamos se ele queria ficar com os seus trabalhos. V. confirmou que sim. Pedimos então que apenas nos “emprestássemos” para tirar uma cópia e que os entregaríamos a ele.

Perguntamos à V. se ele conseguia ler as frases escritas por ele na primeira vez, e ele nos respondeu que não, porque “estão erradas”. Falamos a V. que estavam apenas escritas da forma que ele achava que eram, mas que agora poderíamos fazer melhor, corrigindo-as.

Pedimos que V. lesse as frases que já tinham sido escritas (O dicionário- Ele mora na China) e o mesmo conseguiu lê-las ainda com alguma dificuldade. Na segunda frase que deveríamos corrigir pedimos que V. a lesse, o mesmo ao olhar o formato da data: “01/02/1201”, falou: “é o dia que ele nasceu!”, perguntamos o porquê dele escrever aquela data naquele formato e o mesmo justificou sendo o que usava na sala, o que a professora escrevia no quadro para copiar. Perguntamos novamente qual o ano que ele colocou, e a resposta foi “em 2001”, não sabendo fazer a leitura da parte “01/02”, e justificando que tinha colocado por que “é assim que coloca a data”. V. necessitou da parte formal, para escrever uma data, mas sem saber seu significado, apenas por causa de sua memorização a utilizou. Pedimos para V. olhar no caderno a última data registrada, o mesmo olhou e soube dizer o dia (9) e o ano (2015), sem o mês

(junho). Questionamos a V. se o mesmo sabia que o nosso ano está dividido em meses, V. confirma que sim. Quando perguntamos em qual mês nós estamos V. respondeu que não. Perguntamos a V. qual o mês que entramos de férias e o mesmo disse: “Acho que é outubro, né!”. Convidamos V. a pegar o calendário e a explorá-lo: contar os meses do ano, escrever os números referentes a cada mês, olhar semanas e os dias de cada mês, os outros anos que tinha no calendário que era de 2014 (ano anterior), 2015 (ano atual) e 2016 (posterior). Questionamos o nome do mês em que nós estávamos e V. falou: “não faço a mínima ideia!”. Fomos lendo os meses e V. fez os seguintes comentários no mês de Janeiro: “Esse é o primeiro, né!”, para o mês de “Março” V. falou: “Março já passou faz tempo!”. Quando falamos o nome do mês de maio, V. disse que era o mês que estávamos. Falamos a V. que era no mês de junho que estávamos, mostrando no calendário, e pedimos a ele para que contasse qual era o numeral daquele mês. Apontamos para V. o que significava aqueles números que a professora escreveu no caderno e que ele também tinha escrito (o dia do mês/ número do mês/ ano) e como se lia. V. pegando o mês de junho no calendário percebeu o dia 04/06 de azul, destacado dos outros que estavam com a cor branca: “Por que o dia 4 está marcado?”. Voltamos com a perguntar: “Por que você acha?”. V. olhou e percebeu que os dias de domingos estão de outra cor e comentou: “Esses aqui são domingo!”. Falamos a V. que assim como no domingo, o dia 4 não trabalhamos porque foi Feriado de Corpus Christi, e por isso os feriados também são destacados. Pedimos para V. escrever a data do dia (23/06/2015) e este escreveu. V. Finalizou a frase e disse que queria deixar a mesma data que tinha escrito, mas corrigindo o ano para “2001”, o ano que dizia desde o início, que o Senhor Dicionário tinha nascido. A frase escrita por V. ficou assim: “Ele nasceu em 1/02/2001”.

V. em relação à aprendizagem matemática demonstrou não conhecer o formato: 24/06/2015, mas intervimos mediamos nesta compreensão.

6ª Sessão de intervenção psicopedagógica (24/06)

Objetivos: Continuar a revisão e reconstrução da história do Senhor Dicionário

Material: Dicionário (o mesmo usado nas sessões anteriores), folha A4, lápis, alfabeto móvel, calendário.

Procedimento:

Nesta sessão falamos a V. que seria o último encontro para finalizarmos o trabalho com o Senhor Dicionário. Convidamos V. a manipular o material (Dicionário, calendário e alfabeto móvel) da forma que quisesse. Pedimos ao sujeito que lesse as frases já reescritas e o mesmo as leu com menos dificuldade que antes. No momento da leitura perguntamos a V. se ele lembrava qual o mês que indicava o dois. V. respondeu: “Acho que é março”, o convidamos então para contar no calendário e V. descobriu que era Fevereiro, e quis trocar no texto pelo mês três (1/03/2001). Perguntamos o porquê da troca e V. respondeu: “é o mês do meu aniversário!”.

Na próxima frase para correção, pedimos para V. lê-la, e este conseguiu, mas não entendeu. Pedimos então a ele mesmo assim que se lembrasse de que tinha escrito, e V. disse: “Quantas páginas ele tem!” Apontamos a primeira palavra escrita por V. “TILONATO” e perguntamos o que ele quis dizer. V. respondeu que era o dicionário. Questionamos a V. se achava que a palavra DICIONÁRIO estava dentro do Senhor Dicionário, e este teve certeza que sim, então o convidamos a procurá-la. Neste momento da procura V. relatou: “A senhora me ensinou uma coisa que nunca mais esqueço!”, perguntamos o que era e V. “procurar no dicionário pela letra!” V. encontrou primeiro o D, depois foi procurando o I, depois seguiu com as letras C-I-O. A cada sílaba V. as lia até encontrar a palavra, no meio da procura V. fez o comentário: “tem muita palavra com I” (querendo sinalizar as palavras com a sílaba DI). Depois de encontrada, a lemos e também seu significado. Convidamos V. a ler também as palavras acima e abaixo da palavra Dicionário já que tinha percebido as sílabas com DI. Lemos também algumas, e na leitura da palavra DIÁRIA, V. fez o seguinte comentário: “Então ele deve ter umas namorada por aí, não?”. P. riu e perguntou: “Será!” V. disse: “Né!” Depois, convidamos V. a construir a palavra DICIONÁRIO com o alfabeto móvel, mas V. acabou fazendo a palavra DIÁRIA. No momento da montagem da palavra V. percebeu o I maiúsculo e falou: “Este é o L, não?” Falamos que sim, que o I maiúsculo é o L minúsculo. V. ainda na construção da palavra acima, fez um comentário: “Será que o Dicionário tem namorada. Porque ele é muito velho, né tia?”. Perguntamos se ele realmente achava o dicionário muito velho e V. respondeu que sim. Percebemos que V. demorou muito ao escrever a palavra com o alfabeto móvel, primeiro por não achar a letra D e depois tentando ler a palavra Dicionário, não a visualizava no próprio

dicionário. Neste momento falamos a V. para ler as palavras iniciando com a primeira sílaba da página até encontrarmos a que queremos. Nesta hora para ler a palavra DIANTEIRO, que está na mesma página da palavra DICIONÁRIO, interrogou: “Tia o A na frente do N, como fica?”. Falamos o som e V. leu corretamente a palavra. Depois leu (com dificuldade no RI) a palavra DIÁRIO, e resolveu escrevê-la. Ao colocar a letra A, perguntamos qual o nome do acento da palavra, V. apontou e falou o nome do Til, não sabendo o nome do acento agudo.

Depois de escrito a palavra Dicionário, V. acrescentou o acento agudo. Para escrever a palavra “TEM”, V. escreveu o “T” e perguntou: “Será que tem o E?”. Pedimos que pronunciasse e V. percebeu que tinha o E. Apontamos também que algumas palavras se usam o M no final, assim como a palavra “TEM”. V. queria colocar a palavra página antes do numeral justificando: “Primeiro vem a página e depois o nome!” Concordamos e dissemos que por isto deveríamos colocar o numeral depois a palavra “PÁGINA” porque “depois é o nome”. Na escrita desta palavra, V. ao escrever a sílaba “NA”, disse antes, e o “N da senhora”, em referencia ao nome de P. Convidamos V. a procurar a palavra PÁGINA no dicionário: “Pode procurar nele, pois ele gosta muito de ser mexido!”. Neste momento V. parou na palavra “PAVIMENTO”, a leu, mas trocou o som da letra M por N. Lemos seu significado, e V. na mesma página do dicionário leu a palavra: “PAU” com mais rapidez e convicção. V ao passar da palavra “PÁGINA”, no dicionário, pedimos que procurasse novamente, da primeira palavra da página assinalando com o dedo cada palavra. V. questionou ao encontrar a palavra: “Mas tia aqui não tem o C.” Assinalamos a V. que quando temos mais de uma “coisa”, acrescentamos a letra “S” em algumas palavras, para dizer que temos mais de uma, no nosso caso temos “463 páginas, que são mais de uma!”, e que no dicionário aparece apenas como se fossem uma coisa que é singular, e não no plural que indica mais de uma. Terminamos a frase e perguntamos o que colocamos no final, V. respondeu: “O Ponto final.” Passando para outra frase, pedimos para V. lê-la e tentar lembrar o que tinha escrito. V. leu a palavra “COME”, mas com o som do “ME” trocado por “NE”, e não leu o número (8120): “quatrocentos, não...trezentos e não, também não...”. Pronunciamos o som da letra M diferenciando do N, lemos o número e perguntamos o que significava aquele número V. respondeu: “é de comer palavras” e comentou: “e aí ficou gordinho”. Pedimos que escrevesse o número, e V. comentou: “só

com mais pouco, se não ele vai inchar!”, falamos então “mais ele gosta de palavras!” V. neste momento da escrita da frase, ao ver a marca da palavra “ELE” que tinha escrito quando P. tinha pedido: “NTE”, lembrou a sessão e disse: “Lembra quando escrevi errado?” P. falou então: “quando você pensava que ELE se escrevia assim, não é, a gente aprende que o E-L-E?”, V. confirmou: “E que tinha três letras, né, e o E no final”! Pedimos para V. ao escrever lesse também o que escrevia. V. questionou o porquê e P. respondeu dizendo que era bom para ajudá-lo na leitura e lembrança daquela palavra escrita de forma certa. Perguntamos a V. quantas palavras V. queria colocar que o dicionário comera e ao murmurar baixinho “ele come... quantas por dia”, perguntamos se V. queria contar as palavras e este respondeu: “Se eu for contar eu perdo a conta”. P. insistiu: “Se você quiser contar eu te ajudo!”, V. encontrou a solução: “Faz assim, vamos contar o que ele come por dia!” então V. contou as duas páginas abertas e contou até 17 e mencionou: “Bastante né!” No momento da escrita da frase V. não lembrava se era “PÁGINAS” ou “PALAVRAS” que deveria escrever. Então recordamos a V. que era a segunda palavra, e este falou: “mas começa com o mesmo som”. Lembramos depois a V. que era mais de uma palavra e perguntamos o que se escrevia ao final. Est ao escrever o “S”, no final comentou: “O S sempre querendo se amostrar”. V. reescreveu e leu com facilidade a seguinte frase: Ele comeu 17 palavras.

Convidamos V. a tentar ler a próxima frase e este leu às sílabas e não compreendeu. Perguntamos se ele lembra o que quis dizer, e V. respondeu: “num sei não!”, quando P. falou que lembrava, V. continuou: “Mas eu não lembro!” P. comentou: “então nós temos que escrever de novo esta frase para entendermos”, e V. dialogou: “Se alguém fosse ler, não ia ler! Ia ficar doído!”. Quando P. leu da forma como estava a frase “ELE LITOTA O LAAPESOA TVERSA”, V. se pronunciou: “Ah, agora eu lembro: que ele vigia as pessoa conversando!”. Ao escrever então a frase V. falou: “Nossa, tem ELE, é ELE”, sinalizando que é muita repetição da mesma palavra. Então dizemos que precisamos lembrar de outra palavra para indicar o Dicionário e lemos o texto completo para que V. lembrasse. Na leitura, verificamos que na frase “Ele comeu 17 palavras” tínhamos esquecido o restante da frase, e V. concordou. Paramos a frase anterior e nos colocamos a continuar escrevendo a frase “Ele comeu 17 palavras por dia”. Perguntamos qual o som que V. ouve em POR e V. falou “N”. Colocamos o “N” do alfabeto móvel e depois V. pegou o “M”, falando: “é uma dessas duas, não tia?”. V

colocou as duas letras perto uma da outra e falou: “Tia parece que elas são irmãs”. Confirmamos que as duas letras são irmãs, e que por isso não devemos confundi-las, explicando neste momento o som das duas letras. V. ao ouvir o som de “N”, disse: “O nome da Ernestina!”, referenciando ao personagem da novela “Chiquititas”. Pronunciamos novamente a palavra “POR” e perguntamos que letrinhas V. ouviu, e este relatou: “tem que ter o R aí”, e continuou “não esse R, hein!”. Pronunciamos novamente e V. ouviu a letra “O”. Fazendo algumas tentativas com a letra N (NOR), e M (MOR) V. nesta última disse, ouvindo o som: “Acho que ele morde, né tia”. Falamos que sim e confirmamos que MORDE começa com o MOR. V. fez outra tentativa com a letra “X” leu (XOR) e descartou, colocou depois a letra P, leu, mas achou o som “quase igual”. Lemos novamente e V. confirmou que se escrevia com “P”：“POR”. Ao escrever a última palavra da frase V. faz no lugar da palavra “DIA”, “TIA”, perguntamos então qual o som da letra que ouvia nas palavras DIA, V. perguntou: “num é o X não?”. Pedimos que pronunciasse a palavra com a letra X, e o mesmo percebeu que não era. Depois V. perguntou se era com G, e lendo novamente percebeu que não a mesma letra. Relembramos à V. que Dia vem de Diária, a palavra que ele tinha lido anteriormente no Dicionário.

Na frase “Ele é bonito”, V. a leu e a escreveu de forma correta. Na palavra “ELEGANTE”, convidamos V. a montá-la com o alfabeto móvel. Primeiro V. colocou as sílabas: ELE, quando foi para formar a segunda sílaba: GAN, convidamos a procurar também no Dicionário. Quando V. abriu na página da palavra iniciou uma leitura das palavras todas com o início. ELE: ELÁSTICO- ELE- ELEFANTE- ELEGANTE. Pedimos a V. que percebesse quais as letras iguais da palavra, e apontamos que todas as palavras lidas tem a palavra ELE dentro delas. Na palavra ELÁSTICO, V. perguntou como se lia o S, na palavra, falamos que ele se juntava com o pedacinho LA, formando LÁS. Na palavra ELEGANTE, V. tem a mesma dúvida em relação à letra N: “como é que é isso aqui, tia, ele fica (apontando para o S de LÁS), ah, mas ele é muito diferente, não dá não!” Falamos que são duas letras diferentes e por isso os sons junto com outras sílabas são diferentes, AS de AN, formando o som GAN. Depois V. leu no lugar de TE, por LE, pedido para ler a palavra de novo, V. leu: ELEGANTE. Comentamos que com o nosso dicionário é tudo mais fácil e V. respondeu: “era tão fácil a palavra e eu aqui com sacrifício.”.

Após, lemos para V. as duas frases que faltavam, e V. optou por escrever apenas uma dela: “é melhor escrever só esta aqui”, que era a frase relativa à: “ELE GOSTA DE OLHAR A PESSOA CONVERSAR.” Antes de iniciar V. fez o comentário: “Será que ele é que nem os outros: fofoqueiro, fica na rua fofocando?” Perguntamos a V. o que ele achava e este nos respondeu: “Acho que não!”, concluímos a resposta falando: “também não, ele é muito comportado, ele se fecha e abre apenas quando você quiser, quando você quer encontrar uma palavra igual como agora, ele se abre para você. Por isso a gente tem que abrir muito o dicionário, para conhecer todas as palavras.” Pedimos a V. que tentasse ler a frase novamente, este a leu como estava, e não a entendeu. Antes de escrever a palavra “GOSTAR”, perguntou: “Como será o GO?”, e voltamos à pergunta como ele achava que era, V. respondeu: “Acho que tem um T”. Perguntamos se o “TO” é “GO”. V. sugeriu a segunda consoante: “Será que é com C, não tia?”. E pela terceira vez colocou o G, formando o “GO”. V. escreveu a sílaba “GO”, repetimos o som da frase e V. percebeu que tem o “TA”. Repetimos de novo o som e V. percebeu o som do “S”, e o colocou no final da palavra (GOTAS), perguntamos a V. se o som do “S” é no final ou na no meio da palavra, e então pronunciamos mais devagar para que V. percebesse. V. ouviu e escreveu no meio da palavra “GOSTA”. V. escreveu “DE e VER”, ouvindo e repetindo os sons. Na palavra “PESSOA”, V. a escreveu primeiro suprimindo a letra “O”, quando pedimos que pronunciasse de novo, mencionamos a letra (O) antes da última “A”, então V. tomou consciência e corrigiu.

Ao escrever a palavra “CONVERSAR”. Perguntamos qual a letra que se iniciava, e V. falou: “Qual será?”. Colocou a letra L de alfabeto móvel, para formar a palavra e formamos “LO”, perguntamos seu som, V. ao ouvir trocou o L por R, lemos a sílaba: “RO” e perguntamos se era o som que queríamos. V. pegou a letra C. e montou CO, colocando o “N”, lemos e explicamos que a sílaba é formada por aquelas três sílabas, e os pedaços são formados não apenas por duas letras, mas às vezes por três ou quatro letras. Depois, partindo para a segunda sílaba, V. colocou o VE, e quando repetimos a segunda sílaba, V. colocou o R. Após V. colocou a última sílaba “SA”. V. escreveu então a palavra abaixo da frase e o ponto final, apontamos que a frase não tinha terminado então não poderíamos colocar o ponto final, e que aquela palavra solta era a continuação da frase, ela não nos diz nada sem o restante da frase. V. apagou a palavra e a reescreveu na linha da frase.

Pedimos para V. finalizar nosso encontro lendo todo o texto, este o leu meio silabando algumas palavras, mas com menos dificuldade que no início.

Ao final V. nos perguntou se queríamos ajuda para arrumarmos “porque quando a gente usa, nós tem que aprender a guardar, não é não?”. P. dando voz ao Senhor Dicionário agradeceu muito pela sua participação, e que ficou feliz por ter ensinado algumas coisas para ele. O Senhor Dicionário fez ainda uma pergunta: “E agora toda vez que você ver um Dicionário o que você vai fazer agora?” V. respondeu: “Eu vou ver dele!”.

Finalizamos as sessões de intervenções e V. demonstrou que lembra muitas coisas vistas e as têm como aprendidas, e outras fazem parte de um processo que vai se estabelecendo à medida que se continua trabalhando de forma significativa.

V/ DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICO

Diante das intervenções realizadas, verificamos que V.:

- Em relação ao seu desenvolvimento, mudando a prática de como ensinar no processo ensino aprendizagem, se mostra um sujeito que aprende e que não apresenta comprometimento psicológico;
- Com a mudança de Instrumentos culturais, como o Dicionário e o calendário, V. realiza um trabalho de escrita e leitura, vagaroso, mas com prazer e significado;
- Deu grande importância as situações motivacionais criadas, como nas histórias construídas: seu aniversário, história do Senhor Dicionário.

Considero que foi de grande importância o uso dos instrumentos culturais na prática pedagógica, como o Papel do dicionário, do calendário, dando vida e significado nas intervenções com V.

Identificamos nas sessões de intervenção que diante de todas estas verificações V. se encontra em processo de aprendizagem, e que demonstrou no geral uma relação de interação com significado e importância daquilo que aprendeu, ou seja, de seu paradigma pessoal, e desconstrução de teorias falsas da qual foi condicionado a aprender. Teorias estas que o fizeram acreditar até este momento que as palavras eram formadas pela configuração: consoante mais vogal (V+C), sendo esta última sem som, e valesse penas de companhia para a primeira.

Verificou-se que a cada sessão de intervenção V. demonstrava uma tomada de consciência que o auxiliava no processo de suas competências conceituais, e na lógica de representação do conhecimento. Muitos foram os novos conceitos construídos por V. entre outros destacamos: a importância de se escrever para que o outro entenda compreender o formato da data (_/_/_), saber o dia, o mês, o ano, a importância do dicionário e da organização.

Mesmo que o trabalho com sistema de numeração Decimal tenha sido junto com o trabalho de linguagem, verificamos que foi pouco diante da necessidade do sujeito. Alias, acreditamos que um trabalho continuado de intervenção com este sujeito dará a

oportunidade a este de melhorar sua relação com escrita, leitura e com os números. O nosso trabalho aqui foi apenas uma parte das bases do iceberg.

Acredito que a prática psicopedagógica aqui realizada e proposta com muito carinho foram o início de um trabalho singular, assim como cada indivíduo é. Um trabalho que iniciou sua caminhada e se propõe a crescer e se aprofundar cada vez mais, no sentido de acompanhar e buscar atender as necessidades humanas no que mais as angustiam ou que em outras palavras as suas queixas.

VI/ CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que sempre existirão as queixas escolares, principalmente no quesito dificuldade de aprendizagem (porque como tratamos aqui, todos nós somos diferentes e de diferentes tempos para se aprender), mas como Souza (2016), penso que não se resolve o problema, isolando a queixa, mesmo porque ela está envolta de uma série de questões sociais, políticas e culturais.

Assim, o fracasso escolar, consequência destas dificuldades não resolvidas, é apenas uma situação criada, muitas vezes por uma má formação ou discussões sem nexos, sem orientações e reflexões sobre o processo de desenvolvimento humano. Muitos alunos todos os dias passam por esta situação de exclusão devastadora, principalmente no que tange o desenvolvimento do aluno. E como visto no presente trabalho, a mediação do outro equivale muito nesta situação de fracasso, quando já não existe o eu e o conhecimento e sim o nós: eu o conhecimento e o outro mediando.

Acredito que as políticas públicas devem de uma maneira ou de outra buscar qualificar o atendimento aos indivíduos que necessitam; fornecer melhorias na educação como formação profissional e ambientes equipados com instrumentos socioculturais para uma educação de qualidade proporcionando assim a diminuição deste problema. Em contrapartida, enquanto o governo ainda pensa nesta melhoria, cada um de nós deve buscar esta qualificação, onde a mediação de formas qualitativas tenha a sua natureza como sucesso para a tríade sujeito x conhecimento x outro. Para isto, às vezes como no caso de V. é preciso desconstruir conceitos já pré-estabelecidos no indivíduo e confirmados no meio escolar.

Concluo dizendo que a pesquisa nos fortaleceu no sentido de que precisamos mudar nosso olhar e nossa postura no que tange esse diálogo com o outro. Como Fávero (2009) fala, a mediação sempre haverá, agora estabelecer qual a natureza desta mediação que é o nosso desafio. Para mim foi e continua um desafio, a pesquisa e prática de intervenção Psicopedagógica porque estamos sempre aprendendo e refletindo de que forma a facilitar e melhorar esta interação. Penso que mudar sempre é preciso no que tange conhecer o ser humano, por isto acredito que a prática profissional deve estar nesta constante mudança para o melhor, para assim evitarmos os fracassos e ficarmos no sucesso da aprendizagem e do desenvolvimento.

VII/ REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Carvalho, José Sérgio F. de. (2011). A produção do fracasso escolar: a trajetória de um clássico. *Psicologia USP*, 22(3), 569-578. Epub September 00, 2011. Retrieved March 14, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642011000300006&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0103-65642011005000023.

Currículo em Movimento da Educação Básica, Ensino Fundamental: Anos iniciais. SEE-DF.

Franci, Eglê (2012). *Pedagogia do Alfabetizar Letrando: da oralidade à escrita: in capítulo 1*. 9ª edição revisada. São Paulo, Ed. Cortez.

Fávero, Maria Helena. (2011). A pesquisa de intervenção na psicologia da educação matemática: aspectos conceituais e metodológicos. **Educar em Revista**, (se1), 47-62. Recuperado em 20 de junho de 2015, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-

Fávero, Maria Helena. (2012). A pesquisa de intervenção na construção de competências conceituais. **Psicologia em estudo**, 17 (1), 103-110. Recuperado em 20 de junho de 2015, em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v17n1/v171a11.pdf>

Neves, Regina da Silva Pina. Fávero, Maria Helena. (2012). A pesquisa de intervenção psicopedagógica: evidências sobre o ensinar e aprender matemática. **Linhas críticas**, Brasília-DF, v.18.n. 35, p. 47-68, jan./abr. 2012

Mattos, Carmen Lúcia Guimarães de (2005). O conselho de classe e a construção do fracasso escolar. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 215-228, maio/ago. 2005 Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=29831205>

Muniz, Cristiano Alberto. A produção de notações matemáticas e seu significado. In: Maria Helena Fávero e Célio da Cunha. (Org.). *Psicologia do Conhecimento: o diálogo entre as ciências e a cidadania*. 1 ed. Brasília: Unesco e UnB, 2009, v. 1, p. 115-143.

Psicologia do conhecimento: o diálogo entre as ciências e a cidadania/ organizado por Maria Helena e Célio da Cunha-Brasília:UNESCO, Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Liber Livro Editora, 2009, 332p.

Souza, Beatriz de Paula. (2006). Orientação à queixa escolar: considerando a dimensão social. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 26(2), 312-319. Retrieved March 14, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000200012&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1414-98932006000200012.

Skovsmose, Ole. Preocupações de uma Educação Matemática crítica. In: Maria Helena Fávero e Célio da Cunha. (Org.). *Psicologia do Conhecimento: o diálogo entre as ciências e a cidadania*. 1 ed. Brasília: Unesco e UnB, 2009, v. 1, p. 101-114.

Spinillo, Alina Galvão e Hodges, Luciana Vasconcelos dos Santos Dantas. Análise de erros e compreensão de textos: comparações entre diferentes situações de leitura. *Psic.: Teor. e Pesq.* [online]. 2012, vol.28, n.4 [citado 2014-03-07], pp. 381-388. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722012000400006&lng=pt&nrm=iso>.ISSN01023772. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-3772201200400006>.

VIII/ANEXOS

BULALIVESALI
(meu aniversário)

MARÇO 3

(chamado) (meu) TIO
AVEBIVETACATUNATI
A FESTA VAI SER NA CASA DO MEU TIO

BRIGALIRO BOLO BEIJINHO SALGADO
TIHATU BOBU BILIJÍ SÍTOGATU
PULAPU CATETO
AIR PULA, CASTELINHO

PAI MAI PAPI TAISI MATURES FAEU ANAN
YASMIN, THAIS, MATEUS, RAFAEL (primo), (ANA, professora)

LUFILA TUFILA FRITU
NO FINAL DA FESTA FORAM DORMIR

TATUTAFE
GOSTARAM DA FESTA

TULITAJAFE LUTA
EU GOSTEI DA FESTA SURPRESA

Figura 1- 2ª Sessão de avaliação. 1ª escrita de V: “Meu aniversário”

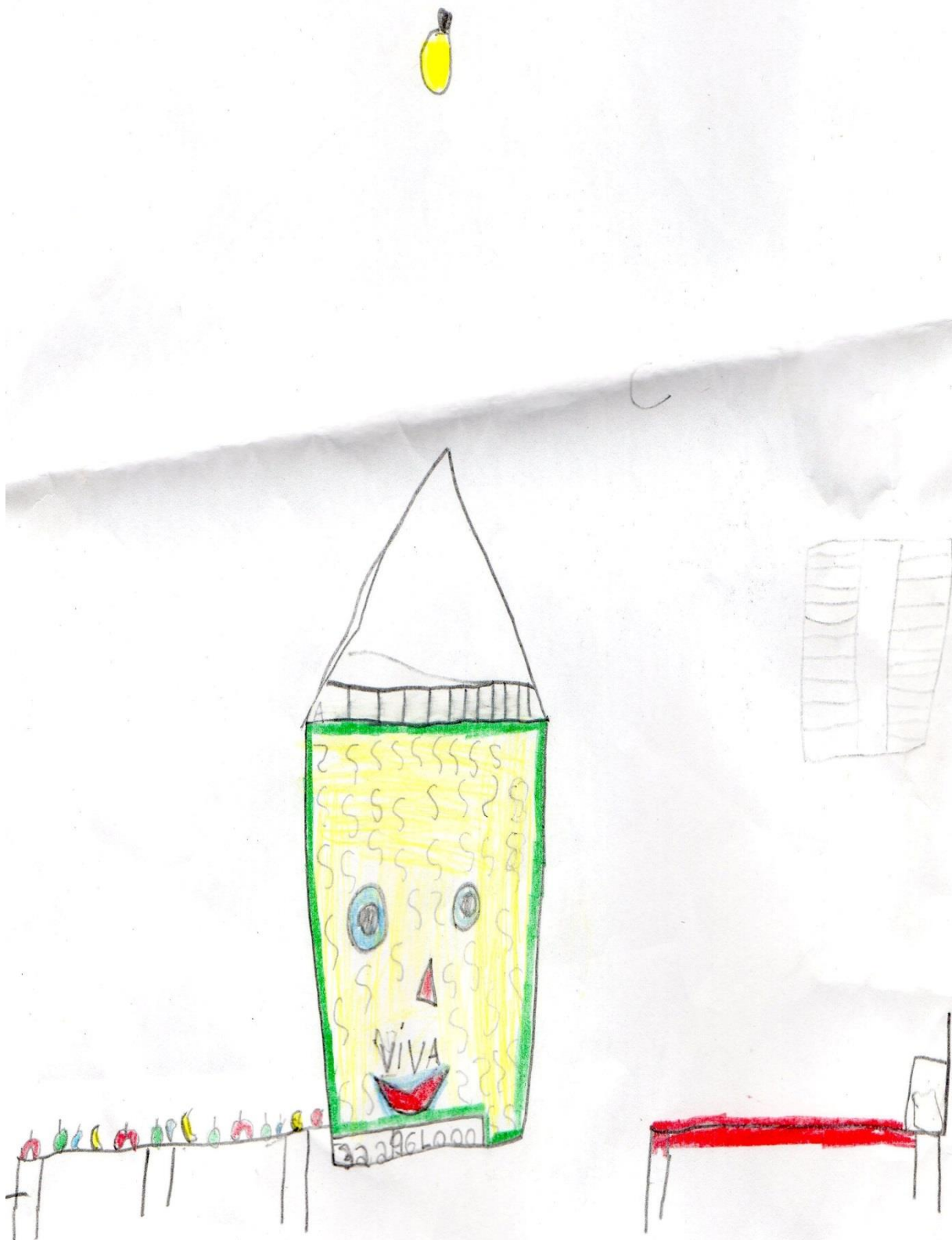


Figura 2- 1ª sessão de intervenção. Desenho do Senhor Dicionário feito por V.

O TILONATO E JELEI UNASCU NASKINA
ELE NAS OLIORISSEI. OT TILONATO TEI IPAGI 468
COME 8200 PALAVRAS ELE LITOTA O LAAPESOA TUESA
ELE E BONITO ELE TEGATE
ELE TIMU FALIA AQUI NOBASIU

ATE

Figura 3- 1ª Sessão de intervenção. Texto escrito por V.

O DICIONÁRIO

ELE MORA NA CHINA.

ELE NASCEU EM 1103/2001.

O DICIONÁRIO TEM 463 PAGINAS.

ELE COME 17 PALAVRAS POR DIA.

ELE É BONITO E ELEGANTE.

ELE GOSTA DE VER A PESSOA CONVERSAR.

COM A SA.

Figura 4-A partir da 2ª sessão: Texto escrito por V. totalmente revisado